



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Ciências da Educação

CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA



Marisa Girardi

**RELATO E ANÁLISE DE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA
BIBLIOTECA MONTEIRO LOBATO, DA ESCOLA DESDOBRADA
RETIRO DA LAGOA, DE 2005 A 2009**

Florianópolis, 2010.

MARISA GIRARDI

**RELATO E ANÁLISE DE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA
BIBLIOTECA MONTEIRO LOBATO, DA ESCOLA DESDOBRADA DO
RETIRO DA LAGOA, DE 2005 A 2009**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia. Orientação de: Clarice Fortkamp Caldin.

Florianópolis, 2010

Ficha catalográfica elaborada por Marisa Girardi

G521r Girardi, Marisa

Relato e análise das atividades desenvolvidas na Biblioteca Monteiro Lobato, da Escola Desdobrada da Lagoa, de 2005 a 2009 / Marisa Girardi. – Florianópolis (SC), 2010.

71f. : 30cm

Orientadora: Clarice Fortkamp Caldin
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2010.

1. Biblioteca escolar. 2. Incentivo à leitura. I. Título.

CDD 027.8

Esta obra é licenciada por uma licença Creative Commons de atribuição, de uso não comercial e de compartilhamento pela mesma licença 2.5.



Você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra;
- criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:

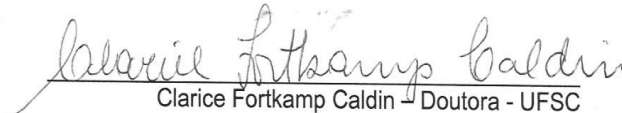
- Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original.
- Uso não-comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- Compartilhamento pela mesma licença. Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta, somente poderá distribuir a obra resultante com uma licença idêntica a esta.

Marisa Girardi

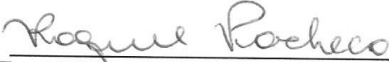
**Relato e Análise de atividades desenvolvidas na Biblioteca Monteiro Lobato,
da Escola Desdobrada Retiro da Lagoa, de 2005 a 2009.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Biblioteconomia, do Centro de Ciências
da Educação da Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia, aprovado com nota
85.

Florianópolis, 01 de dezembro 2010 .


Clarice Fortkamp Caldin – Doutora - UFSC
Professor Orientador


Augiza Karla Boso – Mestranda em EGC (PGCIN-UFSC)
Membro da Banca Examinadora


Raquel Pacheco – Especialista em Gestão de Bibliotecas (FAED-UDESC)
Membro da Banca Examinadora

Araci Isaltina de Andrade Hillesheim
Professora Mestre (CIN/UFSC)- Suplente

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	13
2.1 Objetivo Geral	13
2.2 Objetivo Específico	13
3 REVISÃO DE LITERATURA	14
3.1 A importância da leitura na vida escolar	14
3.2 Bibliotecas escolares e o papel do bibliotecário	18
3.3 Atividades de incentivo à leitura na biblioteca escolar	21
3.4 Outras atividades desenvolvidas na biblioteca escolar	24
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
4.1 Tipo de pesquisa	28
4.2 Objeto de estudo	29
5 RELATO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA BIBLIOTECA MONTEIRO LOBATO DA ESCOLA DESDOBRADA RETIRO DA LAGOA	30
5.1 A biblioteca de Emília	30
a) Relato da atividade.....	31
b) Análise da atividade.....	32
5.2 Dia do folclore.....	34
a) Relato da atividade.....	34
b) Análise da atividade.....	36
5.3 Contando a história.....	37
a) Relato da atividade.....	38
b) Análise da atividade.....	39
5.4 Semana da Saúde Dentária	41
a) Relato da atividade.....	41
b) Análise da atividade.....	43
5.5 Aprendendo o significado das cores da bandeira	44
a) Relato da atividade.....	45
b) Análise da atividade.....	46
5.6 Onde mora o livro	47
a) Relato da atividade.....	48
b) Análise da atividade.....	49
5.7 Higienização do acervo da nossa biblioteca.....	50
a) Relato da atividade.....	51
b) Análise da atividade.....	52

5.8 Oficina na biblioteca: um dia de bibliotecário	53
a) Relato da atividade.....	54
b) Análise da atividade.....	55
5.9 Transformações da escrita e seus suportes: do passado ao presente	57
a) Relato da atividade.....	57
b) Análise da atividade.....	59
6 CONCLUSÃO	61
REFERÊNCIAS	63
ANEXOS.....	66
ANEXO A – Folder de divulgação da Escola Desdobrada Retiro da Lagoa e da Biblioteca Monteiro Lobato – Um pouco de história	67
ANEXO B – Texto do Teatro intitulado A biblioteca da Emília.....	70

GIRARDI, Marisa. **Relato e análise das atividades desenvolvidas na Biblioteca Monteiro Lobato, na Escola Desdobrada Retiro da Lagoa, de 2005 a 2009.** Florianópolis, 2010, 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação.

RESUMO

A presente pesquisa é uma descrição e análise das atividades desenvolvidas pela bibliotecária Raquel Pacheco na Biblioteca Monteiro Lobato, que faz parte da Escola Desdobrada Retiro da Lagoa, em Florianópolis/SC. Neste trabalho de conclusão de curso foi realizada uma pesquisa qualitativa, descritiva, de estudo de caso e o ponto de partida foi uma pesquisa bibliográfica. Registrou-se as seguintes atividades realizadas pela bibliotecária: A biblioteca de Emília; o Dia do Folclore; Contando a história; Semana da Saúde Dentária; Aprendendo o significado das cores da nossa bandeira; Onde mora o livro; Higienização do acervo da nossa biblioteca; Um dia de bibliotecário e Transformações da escrita e seus suportes. Algumas destas atividades fomentaram o incentivo à leitura, a prática de bons hábitos, o conhecimento e a aprendizagem e foram premiadas pela sua importância como uma ação educativa desenvolvida. Isso demonstra que o profissional da informação pode aliar informação e ludicidade no espaço da biblioteca. Pode-se dizer que os objetivos propostos neste trabalho de conclusão de curso foram alcançados, pois todas as atividades desempenhadas pela bibliotecária Raquel e disponibilizadas pela mesma foram descritas e analisadas pela formanda. A bibliotecária demonstrou, pelas atividades desenvolvidas que a biblioteca pode ser um espaço onde as crianças aprendem se divertindo. Destacando a importância e necessidade de uma atuação criativa e dinâmica dos bibliotecários frente às suas unidades.

Palavras – chaves: Biblioteca escolar. Bibliotecário. Atividades desenvolvidas em biblioteca escolar. Incentivo à leitura.

GIRARDI, Marisa. **Relato e análise das atividades desenvolvidas na Biblioteca Monteiro Lobato, na Escola Desdobrada Retiro da Lagoa, de 2005 a 2009.** Florianópolis, 2010, 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação.

ABSTRACT

This research is an analysis and description of activities developed by the librarian at the Library Raquel Pacheco Lobato, which is part of the School Deployed Retiro da Lagoa, Florianópolis / SC. In this work of completion was made a qualitative, descriptive, case study and the starting point was a literature search. He enrolled the following activities performed by the librarian: The Library of Emilia, the Day of Folklore, Storytelling, Dental Health Week, Learning the meaning of the colors of our flag; Where do you live the book: Hygiene of the collection of our library; One day the librarian and the Transformation of writing and his supporters. Some of these activities encouraged the reading incentive, the practice of good habits, knowledge and learning and were recognized for their importance as an educational activity developed. This shows that information professionals can combine information and recreation space in the library. You could say that the goals proposed in this work of completion were achieved because all the activities performed by the librarian Rachel and provided the same have been described and analyzed by the trainee. The librarian showed, for the activities that the library can be a place where children learn having fun. Highlighting the importance and need for a creative and dynamic role of librarianship in front of their units.

Keywords: School library. Librarian. Activities developed in the school library. Encouraging reading

Dedico este trabalho a minha irmã Deonilva Girardi (in memoriam), por seus ensinamentos em todos os momentos enquanto viveu.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, por me dar a força necessária para desenvolver este trabalho.

Aos meus familiares, pelo incentivo e por acreditarem em mim.

A minha orientadora pela paciência e todo o tempo dispensado para a realização deste.

À bibliotecária Raquel Pacheco, por me conceder a oportunidade de conhecer suas atividades realizadas na biblioteca onde atua e descrevê-las.

Aos meus colegas, pela troca de conhecimentos.

A todos os demais, que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho.

1 INTRODUÇÃO

Data do ano de 5.500 a.C., segundo Maroto (2009), que a pictografia – um sistema de imagens gravadas em pedras – deu origem aos primeiros registros do homem para expressar sua visão de mundo, garantindo sua contribuição na escalada evolutiva da humanidade. Desde então, passou-se pela argila, o papiro, pergaminho, a seda até a fabricação do papel, pelos chineses, para obter-se o livro, e a partir daí os mais inúmeros suportes da informação, como microfilmes, discos, fotografias, CD-ROMs, computadores.

Assim, desde a observação e leitura de imagens nas pedras, datadas de a.C. passando pela invenção da escrita e a fabricação do papel até os dias de hoje, ao folhear páginas de um livro ou trabalhando nas telas de um computador, trilhou-se um longo caminho, em que vários obstáculos foram enfrentados para que a informação pudesse ser expressa em suas diferentes formas e suportes. A necessidade de conhecimento e aprendizagem foi suprida a partir da utilização desses suportes, em que as informações puderam ser registradas. E o livro foi um deles, onde o ato de escrever pôde ser desenvolvido e as idéias expressas.

E as bibliotecas surgiram, como repositório de todo esse conhecimento e disponibilizando o acesso ao acervo de obras e publicações diversas, em seus diferentes suportes.

A biblioteca é a mais antiga e freqüente instituição identificada com a cultura. Desde que o homem passou a registrar o conhecimento ela existiu, colecionando e ordenando tabuinhas de argila, papiros, pergaminhos e papéis impressos. Está presente na história e nas tradições. (MILANESI *apud* MAROTO, 2009, p.31).

A biblioteca escolar, destacada nesse trabalho, desempenha papel fundamental na formação de leitores, pois a leitura, no período escolar é essencial para que se concretize o processo de aprendizagem, a aquisição do conhecimento registrado.

Urge, portanto, despertar nos estudantes, desde os primeiros anos de educação formal, o gosto pela leitura; além disso, é mister conscientizá-los da importância do ato de ler, pois, conforme Martins (2007), a leitura permite a descoberta de características comuns e diferenças entre os indivíduos, seus grupos sociais e as várias culturas existentes e incentiva tanto a fantasia quanto a

consciência da realidade objetiva e proporciona elementos que desenvolvem uma postura crítica, apontando alternativas.

A leitura possibilita aos estudantes a compreensão do que acontece no mundo, facilitando a comunicação com os outros, até implica na formação profissional, no desenvolvimento de idéias, no estímulo à imaginação, ampliando também a capacidade de aprendizado. É na escola que a criança tem mais contato com a leitura e com a escrita; desse modo, a escola precisa assumir essa responsabilidade, priorizando o ensino da leitura, bem como da escrita. (KLEIMAN, 2004).

O livro infantil é um dos melhores meios para propiciar, desde o período escolar, a formação de seres humanos mais livres, críticos e solidários, graças ao gradual domínio da palavra que a leitura proporciona. As crianças, segundo Silva (1987), desde o processo de alfabetização, quando passam a compreender o significado potencial de mensagens registradas através da escrita, até a fase de desenvolvimento da vida acadêmica utilizam-se de livros-textos, material para leitura complementar, ou seja, continuam a utilizar o ambiente da biblioteca.

E o bibliotecário desempenha papel fundamental neste processo, ele deve ser um agente promotor da leitura, valorizando os livros, tornando a biblioteca atraente aos alunos, realizando atividades de incentivo à leitura, considerando-se que:

A busca contínua de aperfeiçoamento e do desenvolvimento da biblioteca e do seu pessoal deve contemplar iniciativas, por parte da equipe, de intercâmbio permanente com profissionais e instituições que possam contribuir para o alcance desses objetivos. (SIMÃO; SCHERER; NEVES, 1993, p. 42).

A biblioteca escolar deve ser um ambiente favorável para leitura e pesquisas, aproximando o aluno de uma realidade que poderá ser vivenciada no seu dia-a-dia, como um profissional ou cidadão na sociedade. Integrar a biblioteca no contexto da escola, incentivando os alunos a freqüentar este ambiente, e buscar proporcionar um contato mais diretamente com os suportes informacionais dispostos no acervo é buscar desenvolver habilidades e disponibilizar o conhecimento, tão necessário para construção de cidadãos conscientes. A informação anterior é reforçada pelas palavras de Simão, Schercher e Neves (1993, p.42):

A constância, o entusiasmo, a persistência e, acima de tudo, a consciência da importância do desempenho do professor regente da biblioteca ou do

bibliotecário é que permitem que a biblioteca cumpra efetivamente a missão para a qual foi instalada: embasar todas as atividades pedagógicas da comunidade escolar, atividades que poderão ser estendidas a outras pessoas que estejam sob sua área de influência.

Dessa feita, além de incentivar a leitura, cabe à biblioteca escolar participar de todas as atividades didático-pedagógicas que acontecem no âmbito da escola. Isso implica em o bibliotecário se mobilizar para atuar como agente colaborador do professor no processo de ensino-aprendizagem, desenvolvendo atividades pertinentes à socialização do conhecimento, formação de cidadão críticos e divulgação de atitudes saudáveis.

Contemplar os alunos com atividades após a narração de histórias, como dobraduras e desenhos, possibilitar as crianças a desenvolverem a interpretação dessa narração; trazer para a biblioteca assuntos pertinentes às datas comemorativas; apresentar personagens do folclore regional; são formas de possibilitar aos alunos para que possam socializar-se, e também obter conhecimento.

Estar em contato com novas informações, desenvolver atividades diversas, possibilita aos alunos conhecer também um pouco mais da biblioteca e de como seu espaço pode ser utilizado para atividades divertidas, em que pode-se criar e aprender.

Para realizar este Trabalho de Conclusão de Curso foram verificadas as atividades realizadas pela profissional Raquel Pacheco, que atua como bibliotecária na Biblioteca Escolar Monteiro Lobato, da Escola Desdobrada Retiro da Lagoa, em Florianópolis/SC, disponibilizadas por meio de relatórios escritos e complementados por depoimentos da mesma.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivos Gerais

Descrever e analisar as atividades desenvolvidas na Biblioteca Escolar Monteiro Lobato da Escola Desdobrada Retiro da Lagoa em Florianópolis/SC.

2.2 Objetivos Específicos

a) Descrever as atividades realizadas na Biblioteca Monteiro Lobato e disponibilizadas pela bibliotecária Raquel Pacheco, por meio de relatos escritos e orais;

b) Analisar as atividades desenvolvidas na Biblioteca Monteiro Lobato, a partir dos registros, relatórios e depoimentos da mesma.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção, destacar-se-á a importância da leitura no início da vida escolar, o papel do bibliotecário escolar como agente fomentador da leitura, atividades de incentivo à leitura e outras atividades possíveis de ser desenvolvidas na biblioteca escolar.

3.1 A importância da leitura na vida escolar

A leitura está articulada com a capacidade do leitor em decifrar os sinais, para a partir daí dar sentido ao texto lido.

Segundo Martins (2007, p. 33, grifo do autor), “a leitura se realiza a partir do *diálogo* do leitor com o objeto lido”, e daí surgem as premissas que levaram o leitor a buscar o livro, como necessidades, expectativas, desejo por novas descobertas, buscando um sentido e novas emoções a cada história lida.

Silva (1998, p.27) advoga que,

Em sociedade, são múltiplos e diversificados os usos da leitura. Lê-se para ficar informado. Lê-se para aprimorar a sensibilidade estética. Lê-se para fantasiar e imaginar. Lê-se para resolver problemas. E lê-se também para criticar e, dessa forma, desenvolver posicionamento diante dos fatos e das idéias que circulam através dos textos.

A leitura (principalmente quando iniciada no período escolar, quando as crianças estão justamente nessa expectativa de descobrir o novo, aliada à atividades para desenvolver seu senso crítico sobre essas descobertas) incita os alunos a formarem e exprimirem suas opiniões.

Essa liberdade assume importante papel ao longo de sua vida escolar, permitindo que desenvolvam preferências por certos assuntos e questionamentos a respeito deles, respaldados tanto nas leituras quanto em suas vivências.

Esta idéia é reforçada por Silva (1998, p. 24, grifo do autor), que afirma,

[...]a escrita, como qualquer outro meio de comunicação numa sociedade dividida em classes, pode servir a propósitos de alienação ou de emancipação/libertação. Dessa forma, reforça-se ainda mais a necessidade das práticas de leitura crítica nas escolas, principalmente aquelas mais diretamente voltadas ao desmascaramento da ideologia e à análise dos referenciais de mundo, conforme evocados pelos textos das várias disciplinas do currículo. Não fazer isto pode significar a manutenção *ad infinitum* da consciência ingênua junto aos professores e estudantes; e pior:

pode significar, a longo prazo, um embotamento ou cancelamento da capacidade crítica pela ausência de espaços concretos para colocá-la em prática.

O desenvolvimento da leitura crítica não advém do nada, precisa ser incentivado. É necessário criar espaços onde esse senso crítico possa ser desenvolvido, e a escola deve ser este espaço: tanto em sala de aula quanto na biblioteca.

Impedir que o aluno descubra suas verdades, construa seus conceitos a partir do conhecimento e que seja influenciado quando de suas escolhas, pode direcioná-lo a uma alienação de suas idéias e à persuasão ao conformismo.

Hoje os tempos são outros, as leituras são outras, os alunos também. Os recursos tecnológicos estão cada vez mais avançados, e nota-se que para as crianças de hoje são apresentadas inúmeras formas de descobrir o novo. Embora as alternativas sejam muitas, nota-se que essa descoberta se dá principalmente pela leitura e pela avaliação do leitor para a construção de conceitos.

Lembra Silva (1998, p. 30) que,

Ensinar a ler criticamente significa, antes de mais nada, dinamizar situações em que o aluno perceba, com objetividade, os dois lados de uma mesma moeda ou, se quiser, os múltiplos lugares ideológicos-discursivos que orientam as vozes dos escritores na produção dos seus textos.

Dessa feita, o papel da leitura no processo de aprendizagem de uma criança é crucial para o seu desenvolvimento escolar e para sua vida. Ao ler, a criança entra em contato com um novo mundo e um simples enredo leva a criança a vivenciar uma realidade à parte, imaginária, por isso é de suma importância que o ato da leitura seja incentivado desde o início de sua vida escolar.

Conforme afirma Martins (2007, p. 43),

Esses primeiros contatos propiciam à criança a descoberta do livro como um objeto especial, diferente dos outros brinquedos, mas também fonte de prazer. Motivam-na para a concretização maior do ato de ler o texto escrito, a partir do processo de alfabetização, gerando a promessa de autonomia para saciar a curiosidade pelo desconhecido e para renovar emoções vividas.

As bibliotecas têm um papel fundamental para desenvolver esse interesse pela leitura nas crianças, dispondo de um acervo direcionado para elas, desenvolvendo algumas atividades de incentivo à leitura.

Segundo Campello et al. (2002, p. 57),

A leitura e a escuta de histórias permeiam todo o período de escolarização, desde os primeiros anos, mesmo antes de a criança dominar o código lingüístico, quando se busca construir uma atitude de curiosidade pelo livro e de prazer pela leitura. Isso se consegue com a utilização de textos bem selecionados, criativos, ricos e com ilustrações de qualidade.

Saber ler e escrever, segundo Martins (2007), entre os gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, possibilitando integrar-se efetivamente à sociedade. A leitura, antigamente, era vista como um alicerce para alguém ser aceito como cidadão, construir sua carreira e participar da sociedade, e mesmo hoje, após decorridos séculos, as coisas não se apresentam tão diferentes.

Para Bamberger (1991) a leitura favorece a remoção das barreiras educacionais, concede oportunidades mais justas de educação através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual.

O ato da leitura permite uma melhor concepção do mundo e um melhor desenvolvimento em todas as áreas da vida de uma pessoa, mas se torna essencial que sua prática tenha início ainda na vida escolar, que é onde o processo de aprendizagem formal se inicia.

Foucambert (1994, p. 30) afirma que,

Ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça de outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. Essa atitude, no entanto, implica a possibilidade de distanciar-se do fato, para ter dele uma visão de cima, evidenciado de um aumento do poder sobre o mundo e sobre si mesmo por meio desse esforço teórico. Ao mesmo tempo, implica o sentimento de pertencer a uma comunidade de preocupações que, mais que um destinatário, nos faz interlocutor daquilo que o autor produziu. Isso vale para todos os tipos de textos, seja um manual de instruções, seja um romance, um texto teórico ou um poema.

Nota-se que uma pessoa que desenvolve o ato de ler enriquece seu vocabulário; sabe expressar-se com desenvoltura, apresenta interpretação dos fatos com que se depara, dinamiza o raciocínio, e, ainda, se aliada a um processo educacional eficaz, a leitura proporciona formação integral do indivíduo, conforme afirma o mesmo autor.

É no desenvolvimento de seu poder sobre si e sobre o mundo que a criança encontra a escrita e, portanto, aprender a ler. Uma pedagogia da leitura que não se apóie sobre essa relação entre o poder e a escrita não proporciona à criança nenhuma das condições que autorizam esse encontro e só permite

que aprenda a ler aquele que as vivencia fora da escola, no seu meio familiar. (FOUCAMBERT, 1994, p.30).

A leitura permite que a criança desenvolva a criatividade em suas atividades, pois ao ler estará em contato com um mundo paralelo, dando vida aos seus personagens e buscando trazê-los para o seu dia-a-dia, vivenciando assim novas sensações.

Para Martins (2007), o ato de ler permite a descoberta de características comuns e diferenças entre os indivíduos e incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva. Ao ler, a criança constrói sentidos, dá significado ao seu modo de ver o mundo.

Os livros, principalmente os que contêm gravuras, retirados do meio em que as crianças vivem, relacionando com seu cotidiano, são muito úteis para aqueles que ainda não sabem ler, pois, a partir das gravuras, conseguem identificar o seu mundo. Mas ao completarem seus 6 ou 7 anos, quando já começam a aprender a ler, gostam de vivenciar então a beleza dos contos de fadas.

Conforme afirma Bamberger (1991, p.34),

No começo desse período a criança gosta principalmente de contos de fadas que representam um ambiente que lhe é familiar. Quanto menos se identifica com as personagens dos contos de fadas e mais as aprecia como brincadeiras da imaginação, mais ela irá preferir personagens e histórias de um mundo distante de maravilhas. O prazer que encontra no ritmo e nos versos e o amor da poesia continuam os mesmos.

Já Coelho (2000), acredita que nessa faixa etária dos 6 a 7 anos, a criança está começando a se familiarizar com a escrita, mas que tem a necessidade de buscar decodificar esses sinais gráficos contidos nos livros, daí a necessidade de que o adulto estimule a criança a ler.

Ao completar seus 9 anos, a criança já se encontra em condições de perceber o que acontece à sua volta, e começa a questionar sobre o mundo material, e então podem ser apresentados a ela histórias mais realistas, embora com seu lado mágico. Ainda segundo Coelho (2000, p. 36), nessa idade a criança tem “atração pelos desafio e pelos questionamentos de toda natureza”. Sendo assim, podem ser iniciadas algumas atividades após essas leituras, que farão com que a criança possa aplicar numa atividade concreta o que acabou de ler.

Após os 12 anos, segundo Bamberger (1991), vivencia-se as histórias de aventuras, pois é neste momento que as crianças, tomam consciência da sua

personalidade, e o interesse dos leitores pode ser despertado através do enredo e do sensacionalismo.

A faixa etária dos 12 anos, para Coelho (2000), o leitor já possui domínio da leitura e da escrita, consegue refletir com mais profundidade o que, desenvolve o pensamento reflexivo e crítico, aperfeiçoa sua leitura do mundo, podendo partir para uma escrita criativa.

Os autores aqui citados trazem uma forma distinta de notar as necessidades dos alunos. Bamberguer (1991) acredita que a criança que inicia o período escolar nos seus 6 ou 7 anos tem a necessidade de ouvir os contos de fadas. Coelho (2000) destaca a importância de incentivar a criança a decodificar os signos e iniciar o processo de leitura, a fim de estimulá-la a leituras.

Na idade de 12 anos, Bamberguer (1991) considera mais interessante uma leitura de aventura e sensacionalismo, acreditando que a criança apresenta um maior entendimento a estas histórias. Coelho (2000) observa que a criança nesta faixa de idade deve desenvolver o senso crítico e começar a refletir sobre o que existe à sua volta, podendo desenvolver a criatividade através da criação de textos.

Muito embora os autores dividam o interesse das crianças por histórias usando como recorte a faixa etária, não se pode usar apenas isso como fator identificador no gosto pelos textos literários. Fazer isso seria tolher a liberdade individual e limitar a capacidade intelectual e a fruição literária.

Justamente para atender a gostos e interesses diversos, o acervo da biblioteca escolar deve contemplar vários gêneros literários. Assim, cabe ao bibliotecário administrar e disseminar o acervo da biblioteca onde atua, no intuito de transformar o leitor eventual em leitor assíduo. É o que será apresentado a seguir.

3.2 Bibliotecas escolares e o papel do bibliotecário

A escola empenhada em construir leitores deve preocupar-se também em oferecer aos alunos uma biblioteca com um acervo diferenciado que atenda aos seus usuários, com ambiente propício para leitura e pesquisas. Conforme Carvalho (2002), a escola não pode ignorar a importância de uma biblioteca aberta, mais interativa, com espaços livres para os alunos expressarem-se. A mesma autora acredita, ainda, que a biblioteca deva ser,

Um lugar, insistimos, para se gestar e praticar a troca espontânea que a leitura crítica proporciona, a leitura que inquieta, que faz pensar e reelaborar num autêntico processo de comunicação, cujo resultado é, sem dúvida, dos mais compensadores para as pessoas nele envolvidas, adultos e crianças, mediadores e leitores em formação. (CARVALHO, 2002, p.23).

Sabe-se que o ato da leitura deve estar presente no início da vida escolar e que as bibliotecas escolares devem estar ligadas a esta prática, pois é onde estão localizadas algumas das mais importantes fontes do conhecimento e lazer. Silva (1995) chama a atenção para que a biblioteca escolar não seja vista somente como um depósito do saber acumulado e sim como aquela a ocupar um lugar destacado como agência disseminadora do saber e promotora da leitura.

Atender ao leitor e propiciar a ele novas descobertas deve ser o cotidiano da biblioteca escolar. Ao desenvolver seu espírito de avaliação das idéias apresentadas nos textos, permitir que possa analisar, debater, discordar e construir seus questionamentos, o bibliotecário ajuda o leitor a construir as próprias idéias, seu modo de ver o que acontece ao seu redor.

Segundo Carvalho (2002, p. 22),

A biblioteca escolar pode, sim, ser o local onde se forma o leitor crítico, aquele que seguirá vida afora buscando ampliar suas experiências existenciais através da leitura. Mas, para tanto, deve ser pensada como um espaço de criação e de compartilhamento de experiências existenciais através da leitura.

Pois, ao realizar a leitura de um texto, o aluno, dependendo de vários fatores, tais como a sua faixa etária, o tipo de texto apresentado, o contexto social, seu nível de interesse, suas vivências, construirá um sentido para o que lhe foi apresentado. Conforme afirma Orlandi (1996, p. 11), “quando se lê, considera-se o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando”.

Sendo assim, o aluno constrói uma relação com o texto e um significado para o que acabou de ler e deve ser incentivado pelo bibliotecário e/ou professor a expressar suas idéias.

A leitura pode ser um processo de intertextualidade, pois a criança, ao realizar a leitura de vários textos, fará uma relação entre eles, criando um processo complexo, que vai além do imediatismo da ação do ler, e se dará conta daquilo que o texto não mostra, mas que o constitui, conforme afirma Orlandi (1996).

Por isso, o aluno deverá ser incentivado a desenvolver o exercício da leitura, ser apresentado a este mundo de contos de fadas, contos de aventuras, histórias de animais, contos contemporâneos, folclore, poesia, tudo o que pode se descortinar na biblioteca escolar.

Silva (1993, p. 53, grifo do autor) advoga que,

A leitura, se efetuada dentro de moldes críticos, sempre leva à produção ou construção de um outro texto: *o texto do próprio leitor*. Em outras palavras, a leitura crítica sempre é geradora de *expressão*: o desvelamento do próprio SER do leitor, levando-o a participar do destino da sociedade a qual ele pertence.

Assim, a biblioteca escolar é um dos espaços que contribui para o desenvolvimento da criatividade e do espírito crítico no aluno. Para isso deverá possuir um acervo com diferentes tipos de documentos e desenvolver serviços e atividades que promovam a leitura. Pois, segundo o Manifesto IFLA/UNESCO para a Biblioteca Escolar (1999), ela

[...] propicia informação e idéias fundamentais para o seu funcionamento bem sucedido na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A Biblioteca Escolar habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.

E o bibliotecário possui papel fundamental em tornar a biblioteca um ambiente favorável para a aprendizagem e para desenvolver a expressão criadora. Conforme Simão, Schercher e Neves (1993), é preciso estimular a utilização da biblioteca e a prática da leitura informativa e recreativa.

O profissional bibliotecário é a principal ligação entre o aluno e a biblioteca. Para Tavares (1973 *apud* CORRÊA et al, 2002, p. 116),

Graças ao trabalho eficiente do bibliotecário é que a biblioteca pode existir, da sua ação, do seu conhecimento, depende a biblioteca para ser dotada e estar preparada para atender as necessidades do aluno.

É importante que o bibliotecário observe o público que frequenta o ambiente da biblioteca. Quais seus interesses, se somente entra na biblioteca quando é imposto pelos professores para desenvolver alguma atividade complementar à sala de aula, se frequenta a biblioteca com assiduidade, o que busca; deve observar qual sua reação quando das atividades desenvolvidas. Assim, poderá realizar atividades para seu público alvo.

Segundo Caldin (2005, p. 163),

[...] o papel que cabe à biblioteca escolar e, por extensão, ao bibliotecário que nela atua, é o de estimular, coordenar e organizar o processo de leitura para que, por meio dela, a criança/adolescente/jovem aumente seus conhecimentos, sua capacidade crítica e reflexiva que lhe permitam atuar melhor na sociedade.

Torna-se necessário que o bibliotecário não estacione seu aprimoramento, mas que amplie seu conhecimento para ter condições de atuar com sucesso em sua unidade escolar. Para facilitar o seu aprimoramento, existem os diversos cursos onde o bibliotecário escolar deve visar como parte do processo de sua formação profissional. Deve publicar artigos (seja em forma de relato de atividades executadas, seja em forma de produto de pesquisa), participar em concursos que premiam iniciativas educacionais, trocar experiências com seus pares, entre outros.

Isso demanda tempo, esforço e, muitas vezes, investimento financeiro. Mas o retorno vale a pena. Cumpre lembrar as palavras de Fonseca (1983, p. 15): “não existe nada mais caro do que um bibliotecário barato”.

3.3 Atividades de incentivo à leitura na biblioteca escolar

A biblioteca escolar é um espaço cultural, e o bibliotecário o mantenedor que possui contato com os leitores, conhece seus gostos, o que lhe interessa e as necessidades apresentadas. Conforme afirma Caldin (2005), é o bibliotecário quem está mais preparado e tem a obrigação de selecionar desde o acervo ideal para os alunos que freqüentam sua unidade, até atividades que poderão atrair as crianças para o mundo da leitura.

A biblioteca escolar deve oferecer um leque de serviços de informação e lazer ao seu usuário, atendendo-o de acordo com suas necessidades informacionais e estéticas. A prática da leitura deve ser fomentada por atividades e ações que podem ser desenvolvidas por bibliotecários, que buscam dinamizar ainda mais a unidade de informação.

O bibliotecário e o professor mediadores da leitura devem ser, eles próprios, leitores críticos capazes de distinguir, no momento da seleção e da indicação de livros, a boa literatura infantil e juvenil daquela “encomenda”, com aparência moderna, engajada, mas totalmente circunstancial, cuja

fórmula simplificada, abusivamente repetida, desprepara o leitor em formação para a aceitação de outros textos, mais complexos, no futuro. Além desse conhecimento propriamente teórico, o mediador deve estar preparado para o confronto sempre renovado com a criança e o jovem através da literatura, sem cobranças mecânicas de compreensão do texto lido e sem fórmulas rígidas de indicação por idade. (CARVALHO, 2002, p. 21, grifo do autor).

O bibliotecário deve observar qual é a necessidade que o seu usuário/leitor apresenta, para então poder se preparar ao se deparar com diversas situações ao desenvolver atividades de leitura, e juntamente com os professores promover essas atividades, acompanhando o processo de aprendizagem dos alunos, sua frequência na biblioteca e se estão se tornando leitores de seu acervo.

É possível proporcionar um espaço físico agradável e acolhedor para as crianças, podendo criar um cantinho aconchegante para atrair os mesmos, com decoração colorida e alegre, cercado de livros dispostos de fácil acesso onde a criança sintase bem e à vontade para folheá-los.

Assim, atrairá os alunos, e criará um ambiente onde se poderá planejar algumas atividades prazerosas para este espaço da biblioteca, para que as crianças possam sentir-se bem e desenvolver a sua criatividade. Por exemplo, ao contar uma história e ao perceber o interesse dos alunos, poderá continuar a atividade iniciando uma conversa informal, despertando na criança a vontade de exprimir sua opinião e interpretação da história.

Como demonstra Maroto (2009, p.94, grifo do autor) ao relatar a experiência de Raquel Nader numa sala de leitura, sobre a percepção ao desenvolver uma atividade de contação de histórias:

Nada funcionava como receita. Tudo sempre era novo, de novo. A TROCA funcionava o tempo todo, troca de experiências, de alegrias, de emoções fortes, de carinhos, de afetos, de histórias escritas, contadas, vividas, vivenciadas. A TAREFA era cumprida a cada dia, e a cada dia era renovada, refrescada, realizada no passado do escrito, no presente da leitura e no futuro de tanta esperança de novas construções. Como os livros foram tijolos pra Lygia, temos certeza de que serão para muitos outros e outras pela vida afora.

Ao iniciar uma contação de histórias, é indicado que sejam utilizados livros com muitas gravuras, pois, conforme afirma Bamberger (1991, p.50) a criança entra em contato com a linguagem das gravuras antes da linguagem das letras e “uma vez que ela já aprendeu a entender o significado das figuras, é necessário que o material de leitura inicial as contenha em grande número”.

Dentre as inúmeras atividades que podem ser desenvolvidas nas bibliotecas escolares para promover a leitura, a narração de histórias na Hora do Conto possibilita que a criança transite entre o mundo da fantasia e a realidade.

Acredita-se que a história seja o mais importante alimento do imaginário. As crianças possuem seu mundo próprio, povoado de fantasias e de sonhos, mas convivem conosco, dividindo um mundo cheio de realidades adultas que nem sempre podem entender. (BARCELLO; NEVES, 1995, p.17).

A Hora do Conto, segundo Barcellos e Neves (1995) amplia os horizontes da leitura, torna a criança consciente da existência de infinidade de livros de diversos temas, gêneros e estilos. As autoras explicitam:

[...] a força da palavra, instigando a imaginação, é tão grande, que a criança e o narrador caminham, de mãos dadas com o autor, através do enredo, unidos na mesma vibração de afetividade e de sensibilidade, subtraindo-se do ambiente real e penetrando no mundo da fantasia [...](BARCELLOS; NEVES, 1995, p.19)

Nas bibliotecas escolares é comum a prática da Hora do Conto, e são privilegiados, para as crianças, as histórias de fadas. Para Bettelheim (1980) o conto de fadas nunca nos confronta diretamente ou nos diz francamente como devemos escolher. Em vez disso, auxilia as crianças a buscarem uma consciência mais elevada, desenvolvendo a sua imaginação.

Mas outros tipos de histórias podem ser utilizadas na Hora do Conto: história com animais, de aventuras, contemporâneas, que apresentem ilustrações em maior número e tamanho. As histórias de fadas com enredo mais elaborado, e também as histórias humorísticas e vinculadas à realidade, dependendo da faixa etária dos alunos, também podem ser utilizadas para a Hora do Conto, conforme o que afirma Barcellos e Neves (1995).

As crianças que participam de atividades de narração de histórias aprimoram sua atenção, melhoram a linguagem escrita e sua expressão oral, desenvolvem o vocabulário, adicionando novas terminologias e formas de interagir com os colegas. Essa idéia é reforçada por Barcellos e Neves (1995, p. 18):

Sendo um dos principais estímulos à leitura, a hora do conto oportuniza às crianças que dela participam: estabelecer uma ligação entre fantasia e realidade; sentir-se instigada para procurar soluções para problemas apontados ou vivenciados pelos personagens; ler por prazer; desenvolver a imaginação e criatividade; desenvolver o gosto e habilidades artísticas; ampliar suas experiências e o conhecimento do mundo que as cerca; desenvolver a capacidade de dar sequência lógica aos fatos.

Transformar esse momento de narração em uma hora de “encanto” deve ser a missão a ser buscada pelo contador de histórias, que pode conseguir seu intento buscando uma seleção das histórias condizente com a faixa etária dos ouvintes e preparando o ambiente de acordo com a modalidade da história a ser narrada.

Na expressão de cada ouvinte, na atenção dispensada e até numa possível participação e comentários estará estampado o sucesso ou não da contação de histórias. O bibliotecário pode ocupar esse papel de contador de histórias, trazendo as crianças ao seu ambiente e interagindo com elas, seja através do teatro, ou até de atividades realizadas após a narração de histórias.

Planejar o momento de leitura ou promover atividades complementares torna-se essencial para oportunizar aos alunos o uso da biblioteca escolar, favorecendo o prazer de ler.

Mas o bibliotecário não deve restringir suas atividades no tocante ao incentivo à leitura. Ele poderá transformar a unidade de informação num centro de cultura onde inúmeras atividades envolvendo assuntos diversos podem ser desenvolvidas, aliando a busca pelo conhecimento, pelas pesquisas, divulgando o acervo da biblioteca, e desenvolvendo a criatividade.

3.4 Outras atividades desenvolvidas na biblioteca escolar

Além da Hora do Conto, importante atividade que pode ser desenvolvida na biblioteca escolar, outras igualmente têm sua importância para os alunos que freqüentam a biblioteca e igualmente para aqueles que não se sentem muito atraídos pelas narrativas.

O bibliotecário, observando os alunos que frequentam a biblioteca, pode ter a noção de várias atividades que poderiam ser realizadas no ambiente da mesma. A observação permite a verificação do interesse dos usuários e direciona atividades lúdicas de aprendizado que atendam às expectativas das crianças.

As atividades que incentivam a leitura trazem à tona um mundo de fantasias para as crianças, por exemplo, como dobraduras, desenhos, comentários e interpretações, giram em torno da narração realizada. Isso implica articular a

narração com a expressividade, levando em conta as potencialidades criadoras dos alunos.

Elaborar atividades que envolvam pesquisas no acervo, relacionando com datas comemorativas importantes para o calendário escolar também pode ser desenvolvida na biblioteca escolar.

Mas o bibliotecário deve auxiliar os alunos, pois, para realizar uma pesquisa precisam saber como e onde pesquisar, localizar o material necessário. Envolve uma leitura atenta, análise e interpretação do lido e redação de um texto que, mesmo não se configurando como original, é uma revisão da literatura pesquisada. Como mostra Kuhlthau (2002, p. 186) “além da habilidade de localizar informação sobre um tópico, necessitam ter habilidade de combinar informação de várias fontes, em um texto coerente”.

A pesquisa em enciclopédias e outros livros didáticos pode ser desenvolvida com as crianças, desde o início da vida escolar, aliada a atividades de fácil entendimento. Já a organização das anotações e a produção de um texto, são atividades indicadas para os alunos a partir da faixa dos 10 anos de idade.

Cabe ao bibliotecário, então, orientar ao uso das fontes de informação. Assim, os alunos aprenderão a conhecer o acervo da biblioteca, saberão utilizá-lo cada vez mais como instrumento auxiliar do conhecimento apreendido em sala de aula.

As datas comemorativas também podem ser exploradas com ludicidade pelo bibliotecário. É importante que o aluno saiba o porquê dos feriados, principalmente os nacionais e o motivo de tal data ser comemorada. Isso é interessante para o aluno conhecer um pouco da história de seu país e acontecimentos que tiveram sua importância dentro do contexto social – histórico – econômico.

Campanhas de cuidados com a saúde também podem ser aproveitadas para a realização de atividades na biblioteca escolar. “Semana da Saúde”, por exemplo, pode ser utilizada com as crianças em atividade em que elas aprendam dicas para cuidar da sua saúde, em atividades como pesquisa.

Da mesma forma, pode ser criada a “Semana do trânsito”, visando educar os alunos nesse sentido. Cumpre lembrar que vídeos e debates sobre os temas enriquecerão o aprendizado, que deve ser prazeroso.

Mas o bibliotecário pode ir mais além, demonstrar algumas atividades técnicas realizadas na biblioteca mostra a rotina que envolve o processamento das atividades realizadas pelo profissional.

Esse envolvimento dos alunos com o dia-a-dia do bibliotecário é interessante no sentido de resgatar a importância do acervo organizado para a pesquisa que, do campo da vida escolar, os alunos irão efetuar.

Primeiramente é necessário que os alunos conheçam a biblioteca, seu acervo, aprendendo a localização dos livros que normalmente utilizam e iniciando um comprometimento ao mesmo tempo do aluno com o acervo, mantendo-o sempre organizado, além de criar independência para as crianças buscarem encontrar seus livros.

Kuhlthau (2002, p.37) dá algumas instruções de como se pode realizar esta atividade,

Percorra a biblioteca com as crianças, comentando sobre os equipamentos, a decoração, a coleção e qualquer outro aspecto que você considere importante ou que chame a atenção delas. A seguir, concentre-se na coleção infantil, mostrando como os livros e outros materiais estão organizados. Lembre-se de reforçar a idéia de que a organização dos materiais é feita para facilitar sua localização.

As crianças devem compreender que a biblioteca é organizada para facilitar sua utilização por elas próprias, sendo assim, vão entender que devem fazer o uso adequado do acervo, e respeitar algumas regras que são impostas pelo bibliotecário para o bom funcionamento da unidade.

Podem ser realizadas atividades que envolvam algumas tarefas desenvolvidas na rotina do bibliotecário ao realizar o processamento técnico do acervo. Receber a obra, colocar a etiqueta, registrá-lo e aprender onde guardá-lo na estante é importante para que o aluno saiba de todo o processo efetuado antes que a obra esteja disponibilizada para ele. O bibliotecário deverá acompanhar todo o processo, para a segurança do resultado.

Repassar às crianças alguns cuidados que podem ter com os livros ao levarem no empréstimo para suas casas, também se torna importante. Demonstrar exemplares danificados e o porquê disso também pode contribuir para o aluno observar que não deve destruí-lo, e como ele é necessário para atender outras crianças também, depois que for devolvido.

Atividades diversificadas trazem os alunos para o ambiente da biblioteca. Assim, a biblioteca serve como local privilegiado onde se mesclam o brincar e o aprender.

Enfim, a biblioteca, configurando como um centro de cultura pode ser também visto como um centro de atividades técnicas e lúdicas, onde as crianças poderão desenvolver a criatividade e aprimorar seus conhecimentos.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa sobre as atividades realizadas na biblioteca Monteiro Lobato, utilizou-se relatórios impressos sobre as atividades realizadas no ambiente da biblioteca e relacionadas com a unidade, além de fotos onde as crianças foram observadas no desenvolvimento das atividades e de relatos orais da bibliotecária Raquel Pacheco, que desenvolveu as atividades.

4.1 Tipo de pesquisa

A metodologia utilizada para a abordagem do problema foi de natureza qualitativa, pois se buscou a interpretação a partir dos dados apresentados, nesse caso, dos relatórios impressos e dos relatos orais das atividades desenvolvidas pela bibliotecária.

Do ponto de vista de seus objetivos, foi descritiva, visto que pretendem descrever as atividades de uma biblioteca municipal de Florianópolis no tocante às atividades desenvolvidas, pois a pesquisa descritiva, segundo Cervo e Bervian (1983, p. 55), “observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los”. Assim, a partir dos dados disponibilizados é que buscou realizar uma análise, sem o intuito de modificá-los.

A pesquisa descritiva, segundo Gil (1991, p. 46) “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Sendo assim, esta pesquisa das atividades desenvolvidas na Biblioteca Monteiro Lobato traz à tona, evidencia pontos importantes, para, depois, poder analisá-los segundo a sua importância dentro do contexto das atividades realizadas no ambiente da biblioteca em questão.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos será de estudo de caso, pois foi selecionada apenas uma biblioteca para análise. Segundo Gil (1991, p. 58) o estudo de caso é “caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento”.

Nesse caso, a partir das atividades realizadas na Biblioteca Monteiro Lobato, por meio dos dados fornecidos pela bibliotecária Raquel Pacheco (relatos

orais e escritos), foram realizadas análises para descrever e evidenciar algumas características que se destacaram.

Necessário se torna dizer que o alicerce teórico foi fornecido pela pesquisa bibliográfica. Gil (1991, p. 48), destaca que

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

As fontes consultadas podem ser de livros de referência, de leitura corrente, publicações de jornais, revistas, consulta de artigos, e publicações científicas e técnicas. Neste caso, utilizou-se a consulta e utilização de artigos publicados pela bibliotecária Raquel Pacheco, bem como de livros de outros autores pertinentes ao assunto tratado na pesquisa.

4.2 Objeto de estudo

O objeto de estudo foram as atividades realizadas no espaço da Biblioteca Monteiro Lobato, pela bibliotecária Raquel Pacheco.

A Biblioteca Monteiro Lobato faz parte da Escola Desdobrada Retiro da Lagoa, no Bairro Lagoa da Conceição, situada em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina.

A escola atende a crianças de 03 até 11 anos de idade, compreende o Núcleo de Educação Infantil – NEI - e os Anos iniciais do ensino fundamental, ou seja, desde a 1º até a 4º série.

O histórico da Escola, pelos relatos de moradores do local e algumas informações sobre a biblioteca, apresentando sua missão, objetivos, a composição do acervo e sobre os serviços disponibilizados constam no anexo A deste trabalho.

5 RELATO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA ESCOLA DESDOBRADA DO RETIRO DA LAGOA

A biblioteca Monteiro Lobato foi selecionada pela formanda por apresentar um leque de atividades desenvolvidas, com objetivos direcionados ao aprendizado dos alunos.

A bibliotecária Raquel Pacheco, que desenvolveu as atividades, bacharelou-se em 2004 no curso de Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Gestão de Bibliotecas pela Universidade do Estado de Santa Catarina, em 2006 e atua como bibliotecária da Biblioteca Monteiro Lobato da Escola Desdobrada Retiro da Lagoa, pertencente à Rede Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Florianópolis, Santa Catarina.

É importante destacar o fato de a bibliotecária atuar de uma forma tão presente na biblioteca Monteiro Lobato, buscando atender às expectativas dos alunos nas suas descobertas, proporcionar um acesso dos “saberes” que constam nos livros. Segundo Martínez e Calvi (1994, p. 19),

Desmistificar a leitura, a ciência, a educação e a cultura – torná-las acessíveis a jovens e a crianças – constitui um dos instrumentos mais adequados à criação de um ambiente de prazer, de satisfação das curiosidades e fantasias infantis e juvenis: um ambiente propício e adequado à leitura.

Aliar atividades de interpretação da leitura e proporcionar o desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos, demonstra atitudes satisfatórias no contexto da biblioteca escolar.

5.1 A biblioteca de Emília

Na obra de Monteiro Lobato “Reinações de Narizinho” (publicado originalmente em 1920) é apresentado o Sítio do Pica-Pau Amarelo, ambiente onde vive uma família. Dela fazem parte Dona Benta, vovó de Lucia, menina apelidada por Narizinho, Tia Nastácia, uma afro - descendente de estimação que trabalha no sítio, entre outros personagens. (LOBATO, 2010).

O livro traz alguns detalhes da vida de Narizinho, entre elas, uma boneca de pano chamada Emília. Apesar disso Narizinho gosta muito dela; não realiza suas refeições sem tê-la ao lado, e não se deita sem antes acomodá-la.

No desenrolar das aventuras vividas por Narizinho, Emília acaba engolindo uma pílula falante do “Dr Caramujo”, imediatamente começa a falar sem parar.

A partir daí acompanha Narizinho em suas aventuras, e agora participa ativamente, com suas opiniões e comentários. Torna-se sua companheira para fazer planos e viver as fantasias no Sítio do Pica-Pau Amarelo.

a)Relato da atividade

“A Biblioteca de Emília”, foi uma atividade adaptada pela bibliotecária Raquel Pacheco, constou de um teatro de “dedoches” realizada no mês de abril de 2005, no espaço da Biblioteca, onde puderam acompanhar e participar das atividades desenvolvidas. Participaram das atividades as crianças das séries iniciais da escola.

A bibliotecária Raquel Pacheco organizou o teatro, e contou com a participação de outros profissionais da escola para desempenharem as falas dos dedoches, dando vida à uma história, habitualmente lida nos livros de Monteiro Lobato.

O objetivo da atividade proposta foi envolver a criança no universo do realismo mágico da literatura brasileira lobatiana, despertando o interesse pela literatura, visando o interesse das crianças pelo acervo da biblioteca e por obras que impulsionassem a curiosidade demonstrada ao assistir as atividades, e no intuito de emprestá-las para se deliciarem com as figuras e enredos.

Após um bate-papo informal, a bibliotecária permitiu que as crianças manipulassem os dedoches para conhecerem a forma como a história foi contada. Estimulando assim a criatividade para contação de pequenos enredos entre eles, criando, uma brincadeira saudável com as crianças.

A bibliotecária também desenvolveu outras atividades como cruzadinhas (onde as crianças encontravam os nomes dos personagens, semelhante a uma palavra cruzada simplificada), e a pintura dos personagens da história apresentada. No teatro houve a presença dos personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo, obra infantil de Monteiro Lobato, publicado em 1920 que traz alguns personagens como

Narizinho, Marques de Rabicó, Dona Benta, Cuca e a boneca Emília. O enredo desta história consta como anexo B deste trabalho.

Essas atividades foram realizadas no espaço da biblioteca após a apresentação da peça teatral. Segundo depoimentos de Raquel, as histórias foram bem aceitas pelos alunos, principalmente por trabalhar com o imaginário e a fantasia dos mesmos. Também foi possível perceber que o tema despertou o interesse das crianças pelas histórias, e buscaram livros de lendas e costumes da nossa cultura, o que incentivou a bibliotecária a desenvolver outras atividades parecidas ao longo do ano.

Segundo a bibliotecária Raquel, a atividade de dramatização de histórias, despertou a curiosidade das crianças para a leitura, pois a partir do teatro, elas procuraram livros da Biblioteca Monteiro Lobato, que continham os personagens do enredo.

A bibliotecária observou também que as crianças dos anos iniciais que ainda não liam com sucesso, preferiam livros com figuras; por isso a importância de muitos livros ilustrados e sem texto na unidade, para que a criança possa desfrutar também de seu momento de descoberta ao folhear as páginas de um livro.

Conforme Martínez e Calvi (1994), as crianças necessitam formar hábitos, desenvolver habilidades e buscar o prazer de ler, se informar, deixar-se levar pela fantasia e pela imaginação, seja pelos livros ilustrados somente ou pelas obras com histórias de fadas que despertam na criança ainda mais a vontade de se aproximar de novas leituras com aventuras e histórias diversas.

b) Análise da Atividade

A leitura crítica das atividades desenvolvidas baseia-se na leitura do projeto, no depoimento da bibliotecária realizadora do projeto e na verificação das fotos das atividades desenvolvidas, em que observou-se os alunos assistindo ao teatro possibilitando uma leitura, através de suas expressões e “carinhas”.

O enredo do teatro a “Biblioteca de Emília” traz os personagens do Sítio do Picapau Amarelo, como a Emília, a Dona Benta, a Tia Nastácia, a Narizinho, Pedrinho, o Visconde de Sabugosa.

No contexto do sítio, a narradora bibliotecária Raquel traz os personagens para uma história em que a Emília tem o objetivo de angariar livros para montar uma biblioteca. Como se nota no trecho da fala de Emília “Só direi se me der uma coisa...é que eu...estou montando uma biblioteca...” demonstrando às crianças, que, uma “boneca” com atitudes humanas que tem o objetivo de construir algo em prol de todos, ou seja, outras crianças também poderão usufruir dos livros que a biblioteca vai oferecer.

Outro ponto a ser destacado é a personagem Tia Nastácia, com sua fala em que muitas vezes faltam-lhe vocabulário, e, em outras as palavras são ditas de forma incorreta, como por exemplo, “se estava!!! A Emília está virando a *lampazinha* do bando, depois que se *apanhou* dona daquele boi *dum* chifre só, o *tar* de *ri...ce...ronti*”, seguida por Dona Benta, alertando “é rinoceronte Nastácia, fala certinho!”. Em seguida a personagem Dona Benta, um “dedoche” do teatro apresentado, incentiva aos alunos que estão assistindo a ajudarem a Tia Nastácia a falar corretamente, na sua fala “pessoal, vamos ensinar a Tia Nastácia a falar? RI NO CE RON TE”.

A bibliotecária, dentro do contexto da história trouxe um exemplo de fala incorreta, seguida de uma correção, ajudada por todos. Ao corrigir a Tia Nastácia, as crianças começam a observar a importância do vocabulário correto para se comunicarem e ser entendidas pelos que encontram-se à sua volta.

A manipulação dos “dedoches”, proporcionou a socialização das crianças, que dividiram a experiência, trocando idéias, comentando, “brincando de contar historinhas”, desenvolvendo a criatividade, como afirma Reverbel (1997, p.27) “A criança é criadora por natureza. Somente podem contestar os que nunca observaram uma criança em seus jogos livres”.

A bibliotecária proporcionou às crianças liberdade para realizarem suas formas de expressões quando disponibilizou os dedoches; elas puderam se expressar como sentiam e viam o teatro que acabaram de assistir; isso auxiliou na aprendizagem de uma forma lúdica e prazerosa. De acordo com Reverbel (1997) a partir do momento em que a criança adquire um certo domínio das técnicas de expressão, ele fará uso delas na medida em que outros o auxiliarem a se expressar e comunicar aos outros seus pensamentos e sensações.

E a dramatização da história, despertou a curiosidade das crianças para a leitura, pois a partir do teatro, elas buscaram livros da Biblioteca Monteiro Lobato, para encontrar os personagens que fizeram parte do enredo.

Enfim, a atividade “Biblioteca da Emília” trouxe para o cotidiano das crianças um personagem do realismo mágico, inaugurado por Monteiro Lobato (uma junção dos fatos cotidianos com o maravilhoso), que teve uma atitude louvável de buscar montar uma biblioteca, destacando a importância dessa unidade dentro do contexto escolar.

5.2 Dia do Folclore

Folclore, segundo Cabral (2010) é uma união de crenças, lendas, festas, superstições e costumes de um povo. Transmitido através das gerações, pela voz dos mais antigos ou por ensinamentos e participação nos festejos, de acordo com os costumes de cada região, se faz presente no imaginário dos povos.

Através do folclore temos acesso à cultura antiga, às histórias contadas por nossos avós e bisavós, repassadas por nossos pais, com seus elementos envolvidos por crenças e lendas. E pode-se ter acesso também ao que de novo se apresenta neste contexto.

Normalmente os fatos folclóricos estão envoltos no anonimato, mesmo que não se conheça o autor das lendas e costumes, eles são aceitos, pois a “essência folclórica” toma conta do imaginário e acaba-se por repassar, com a forma de ver e entender o que dos mais antigos foi escutado.

Para cada festejo existe uma data específica a fim de realizar os festejos correspondentes. E se torna importante que as crianças tenham contato com essas datas festivas, que trazem personagens, costumes, festas e o porquê de cada uma delas. Principalmente do folclore brasileiro, que é recheado de lendas e costumes, pois estamos num país que tem fronteiras extensas e uma diferenciação desde o modo de falar, e muito mais em seus costumes e crenças.

a)Relato da atividade

Em 22 de agosto de 2005, no “Dia do Folclore” a bibliotecária Raquel Pacheco realizou atividade de “ Contação de história com dobradura na biblioteca” e

continuidade da atividade na sala com a professora na confecção do corpo do Saci, onde as turmas de alunos da 1º e 4º séries do ensino fundamental puderam participar. A atividade foi realizada no espaço da Biblioteca Monteiro Lobato, na Escola Desdobrada Retiro da Lagoa.

O objetivo das atividades foi trazer os alunos para o ambiente da biblioteca para conhecerem o espaço, o acervo dividindo momentos de diversão, de conhecimento, desenvolvendo a criatividade.

A metodologia adotada foi a projeção de transparências sobre o livro “Saci”, de Maria Fernandes Antunes, seguida de uma conversa informal sobre a história apresentada, com comentários das crianças sobre o que mais lhes agradou e a realização de dobraduras e desenhos sobre os personagens e o enredo da história.

As transparências foram projetadas, e observadas por todos de uma só vez, já que os alunos ficaram dispostos no espaço da biblioteca, sentados em círculo. Um pano branco foi colocado do teto até o chão e ali foram passadas as transparências.

As crianças comentavam e se deliciavam com as imagens. Segundo a bibliotecária, a cada momento ouvia-se um “olha que legal!” e o sorriso estampado na carinha das crianças falavam por elas.

A história apresentou algumas “artes” que o menino aprontava, como espantar os animais na fazenda e estragar a plantação, enroscando também a crina dos cavalos. Trabalhou com o imaginário das crianças, pois trazia mais traquinagens que aprontava nas casas, como esconder martelos e quebrar a ponta das agulhas. (ANTUNES, 1989).

E traz um quê de misticismo quando Antunes (1989, p. 14) “para afastar o Saci das pessoas fazem orações ou colocam uma cruz atrás da porta”.

A bibliotecária, ao aproveitar o espaço da biblioteca para a atividade, buscou criar um ambiente onde as crianças se sentissem à vontade e buscassem frequentar mais vezes.

Aproveitar o retroprojetor para apresentar as histórias nas transparências foi uma novidade para as crianças, que estavam acostumadas a ver o aparelho como um adorno da biblioteca. Aprenderam e viram como era seu funcionamento, ativando a curiosidade.

A obra apresentada traz um personagem do folclore brasileiro, criando uma expectativa nas crianças, acostumadas ao mundo real e às rotinas. Saber que numa história existem travessuras engraçadas, que se pode divertir com isso e ter um final satisfatório, produz alegria e surpresa prazerosa.

Segundo a bibliotecária, a atividade de dobradura despertou nas crianças uma vontade de externar o que viram e a forma como viram, os aspectos e características que mais chamaram a atenção, as cores mais vivas. A bibliotecária pode também avaliar o que mais agradou às crianças e se agradou realmente, observando o entusiasmo dos mesmos.

O repertório atraiu a atenção dos alunos e os despertou para realizar a atividade de dobraduras e desenhos sobre o que haviam visto e ouvido. Para isso foram disponibilizados materiais como canetas coloridas, papel e cola. Segundo a bibliotecária, essa atividade despertou as crianças para a leitura, fomentando a vontade de emprestar obras da biblioteca para ler em casa.

b)Análise da Atividade

Para desenvolver a análise tem-se à disposição um relatório simplificado da atividade desenvolvida, fotos e o depoimento concedido pela bibliotecária da Escola. A história apresentada remete os alunos das séries iniciais do ensino fundamental à história do folclore brasileiro, em que os personagens vivenciam experiências diferenciadas do dia-a-dia das crianças.

Conforme acredita Martínez e Calvi (1994) o indivíduo precisa, desde sua infância, a se deixar levar pela fantasia e imaginação. E a bibliotecária disponibilizou aos alunos esse mundo de lendas e misticismo, e notou que estavam atentos para cada episódio, com ansiedade, demonstrando a necessidade de absorverem o enredo e acompanharem o desenrolar da história.

A atividade de dobradura e confecção do corpo do Saci complementando na sala de aula, familiarizou ainda mais as crianças com o personagem folclórico. Puderam, com as mãos fabricar, de acordo com a sua própria visão da história, uma dobradura semelhante ao Saci, que diferenciou-se em alguns aspectos, entre um aluno e outro.

As fotos disponibilizadas pela bibliotecária mostraram a alegria com que as crianças expuseram suas dobraduras. Percebe-se crianças alegres, juntamente com a bibliotecária e a professora, sorrindo e procurando expor cada um a sua obra. Nota-se que o resultado final da atividade individual foi satisfatória, pois cada um queria estar mais a frente para que sua obra fosse notada.

Isso demonstra que a biblioteca escolar, pode ser a porta que conduz para a “possibilidade de voar com a imaginação, criar e ter novas idéias”, conforme afirma Martínez e Calvi (1994, p. 26).

Esse entusiasmo pode ser o fruto de uma atividade bem elaborada e desenvolvida com comprometimento pela bibliotecária. Trazer à tona o assunto “Folclore” que vem a casar com a data de sua comemoração, mostra ao aluno a importância que as datas festivas tem.

As datas comemorativas são importantes para a comunidade, podendo ser exploradas em atividades prazerosas na biblioteca escolar. Para Reverbel (1997, p. 58) “o prazer é o condutor das ações”, e assim elas podem se divertir aprendendo.

A bibliotecária apresentou um assunto e foi bem aceita pelos alunos, trouxe uma novidade e algumas atividades e construiu um ambiente propício para as crianças aprenderem um pouco mais sobre o personagem “Saci” e realizarem atividades relacionadas com o assunto. As crianças demonstraram alegria, pelas fotos analisadas e o sucesso do que foi realizado.

5.3 Contando a história

Antigamente, segundo Barcellos e Neves (1995), as histórias eram transmitidas de geração em geração, ou seja, os mais idosos repassavam aos mais jovens aquelas que haviam ouvido pelos pais.

Hoje em dia, além de existirem diferentes suportes, como os dvd's, tv's e a Internet, existem pessoas que utilizam técnicas elaboradas para realizar a contação de histórias.

E, conforme afirma Barcellos e Neves (1995), nesse mundo onde as crianças são atraídas pelos computadores, videogames e televisão, a escola luta para tornar-se um ambiente propício para o desenvolvimento de atividades para estimular à leitura. E a hora do conto surge como um incentivo às crianças para a

descoberta, pois é o primeiro contato para observar o que podem encontrar nos livros infantis.

Kuhlthau (2002, p. 50) lembra que,

Antes que possam ler sozinhas as crianças devem escutar histórias, a fim de desenvolver o interesse pelos livros e conscientizar-se da variedade de livros disponíveis. Quando estão aprendendo a ler, a escuta de histórias funciona como uma influência modelizadora para a leitura.

Sendo assim, desde o início da vida escolar, as crianças devem iniciar um contato com a leitura, para tornarem-se leitores e conhecerem o que a biblioteca lhes pode oferecer.

Alguns detalhes são importantes ao escolher uma história que possa atender às expectativas das crianças. Um grande número de ilustrações e livros de contos de fadas, histórias humorísticas e realistas são importantes para o sucesso da atividade, segundo Kuhlthau (2002).

E o contador, que poderá ser o bibliotecário, deve, ao narrar a história, sentir-se livre para a interpretação com gestos e expressões faciais para que as crianças possam vivenciar, de certa forma, a história contada.

Assim, as crianças se sentirão mais à vontade e buscarão interpretar a história, cada um à sua maneira de ver. E devem ser respeitadas por isso. Pois a atividade de contação de histórias deve ser uma atividade prazerosa, em que as crianças possam expressar suas opiniões e sentimentos.

a) Relato da atividade

Em 06/10/2005 foi realizada uma atividade “Contando a história”, realizada no espaço da Biblioteca Monteiro Lobato, pela bibliotecária Raquel Pacheco. Foram contemplados os alunos da educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental.

O objetivo da realização das atividades foi demonstrar a utilização dos recursos disponíveis existentes na biblioteca e, despertar a curiosidade e criatividade nas crianças, motivando-as a frequentar com mais assiduidade o ambiente da biblioteca.

A metodologia utilizada foi contação de história infantil, por meio do retroprojetor existente na biblioteca e transparências, seguida de atividades

realizadas com as crianças. Houve registros de fotos para acompanhar as reações dos alunos. A história apresentada, segundo os relatórios, foi o livro *O Fofinho*, de Tereza Noronha.

Em seu artigo onde relata sua experiência em alternativas de incentivo à leitura, Pacheco (2006), ao comentar sobre os recursos disponíveis na biblioteca Monteiro Lobato, salienta que, ao imaginar uma forma de incentivar o hábito da leitura numa biblioteca quase sem recursos e nenhuma tecnologia, resolveu-se fazer uso do retroprojetor, que era o que havia de melhor e poderia ser aproveitado em prol das crianças, e sendo assim pode-se aproveitar o interesse da criança quando de visita à biblioteca.

As crianças dispuseram assim, de uma nova ferramenta a ser notada dentro da unidade, e que poderia ser utilizada, com sucesso, para realizar a atividade.

Segundo Kuhlthau (2002, p. 30),

Um dos resultados mais agradáveis e produtivos da leitura da história em voz alta para o grupo todo é poder compartilhar as reações de cada um. Não é algo que simplesmente acontece: tem que ser cultivado gradualmente, durante todo o período da educação infantil e fundamental.

Importante se torna acompanhar a reação das crianças ao assistirem uma história contada ou teatro e atividades diversas e avaliar como é seu desempenho ao realizar uma atividade após a narração de histórias e ouvir seus comentários, pois a partir daí sabe-se que rumo tomar nas próximas atividades a desenvolver.

Após a narração de histórias, foram realizadas atividades de dobradura e colagem com as crianças, e, ainda, a atividade de colori-la. As crianças realizaram a dobradura de acordo com o enredo da história, em que a personagem principal era a galinha. No intuito de desenvolver a criatividade das crianças em cada trabalho apresentado pelas crianças adicionavam árvores, sol, nuvens, grama, criando um contexto para este personagem.

b)Análise da Atividade

A leitura desta atividade está respaldada num relato escrito pela bibliotecária, executora da atividade "Contando a história" e nos registros de fotos tiradas durante a projeção da história de Teresa Noronha, "O Fofinho" e na

realização da atividade pós-história, em que as crianças ficaram dispostas nas mesas na biblioteca, entre canetas coloridas, papel e cola.

Assistir a uma contação de histórias por meio de transparências ajuda às crianças a entenderem melhor o enredo, uma vez que as ilustrações estão em tamanho aumentado. Criando um cenário colorido, proporcionando a visualização pelas crianças ao mesmo tempo que a bibliotecária narra a história.

Pelas fotos disponibilizadas pela mesma, observou-se que as crianças ficaram dispostas no chão atapetado, o que proporcionou que se sentissem mais à vontade, podendo mudar a posição de sentar, como lhes aprouvesse. Pareciam confortáveis, estavam sorrindo, apontando para as transparências e acompanhando a narração de histórias, em paralelo às ilustrações.

Pode-se notar, por essas fotos, o empenho dos alunos quando da execução da pintura e colagem. Puderam exercitar a criatividade, “estimularam seus sentidos e emoções frente ao prazer de descobrir”, conforme afirma Martínez e Calvi (1994, p. 34).

Dividiram o espaço e os materiais e desempenharam as atividades com afinco, e com total atenção, não parando sequer para olhar para a câmera fotográfica afim de “fazer pose”, pois sua postura está relaxada e espontânea.

A bibliotecária interagiu com os alunos, ajudando-os no desenvolvimento da atividade e deixou de estar diante deles, para estar com eles, no meio deles, criando uma atmosfera animada onde as crianças puderam desenvolver a expressividade.

Segundo a bibliotecária, os trabalhos foram expostos na biblioteca, aumentando ainda mais a afinidade dos alunos com a mesma, pois cada vez que entravam na unidade, viam seus trabalhos expostos e podiam observá-los e sentirem-se orgulhosos pelo seu feito, isso serviu também para incentivar os professores a desenvolverem atividades semelhantes com seus alunos em sala de aula.

Assim, pode-se notar que a biblioteca passa a ser um local onde atividades prazerosas podem ser desenvolvidas. Ganha novos contornos, pois de disponibilizador de livros para empréstimo, passa a agente fomentador da leitura e partícipe no processo de aprendizagem.

As crianças passaram a ver esta unidade de informação num lugar onde também pode se aprender, divertir, criar, e ver um mundo diferente, existente nas histórias de livros que estão dispostos nesta biblioteca e que estão à disposição das crianças que querem conhecer coisas novas, histórias, contos, figuras coloridas, diferenciando-se da sua rotina.

5.4 Semana da Saúde Dentária

A semana da saúde bucal ocorre normalmente com alusão ao dia do cirurgião-dentista, 25 de outubro, que foi instituído pela lei nº 10456 de 10 de maio de 2002. Nesta semana, em todo país, são desenvolvidas ações atendendo crianças nas escolas, e o público em geral com noções sobre escovação, e problemas que podem ocorrer na dentição.

Nota-se que, ao longo dos anos, foi se difundindo os cuidados com a dentição e hábitos de higiene. Na escola, o profissional da educação, bem como o bibliotecário, pode atentar e observar os alunos neste quesito. É importante que este tipo de conhecimento seja repassado e oportunizado às crianças a aprenderem hábitos simples e esclarecimentos sobre doenças bucais, evitando problemas como cáries e perda de dentes por falta de conhecimento e higiene.

a)Relato da atividade

Ainda em outubro de 2005 houve a “Semana da Saúde Dentária” onde, no espaço da biblioteca, foram realizadas atividades com todas as crianças da escola em comemoração ao “dia da saúde bucal”, que se realizou em vinte e cinco de outubro. Os alunos da educação infantil e da 1º série foram contemplados com tais atividades. Cumpre lembrar que a Escola, todos os anos, realiza atividades nesta data.

O objetivo principal destas atividades foi apresentar o acervo da biblioteca e ensinar os alunos a realizarem pesquisas na área da higiene bucal e em outras áreas também. Os objetivos secundários foram: o de orientar os alunos sobre a importância dos cuidados com a higiene bucal, principalmente para atender aos

alunos que ainda possuem dentição de leite e estão começando a trocar pela dentição permanente.

A metodologia adotada foi a apresentação e explicação, através de material dentário, de técnicas de escovação, cuidados com a higiene bucal, seguido de uma conversa informal com as crianças. Em seguida, foram desenvolvidas atividades como pesquisa no acervo da biblioteca visando atender a algumas questões que surgiram a respeito do tema.

Dentro do contexto educativo, a bibliotecária tentou estimular a criatividade das crianças, dos diferentes períodos, desenvolvendo atividades visando atender as diferentes idades, visto que atividades que contemplam as séries iniciais, não conseguem atender a Educação Infantil, pois se apresentam mais complexas para a tenra idade.

Sendo assim, foi disponibilizado um material didático como uma dentição completa, escovas, fio dental pelo Doutor Luciano Theodoro - cirurgião dentista, para desenvolver as atividades. O contato com o profissional foi realizado pela bibliotecária, também paciente do dentista, em que concordou em disponibilizar o material.

A bibliotecária, utilizando o material disponibilizado, explicou aos alunos como proceder à escovação correta com algumas técnicas para evitar cáries, os problemas que podem ocorrer com a dentição no caso de não escovação, como doenças na gengiva, tártaro.

As crianças puderam manusear o modelo de dentição, aprenderam a realizar a escovação correta. A bibliotecária notou que as crianças tiveram muita curiosidade, mostraram-se abertas a adquirir novos conhecimentos e tocar o modelo de dentição disponibilizado, para depois compararem à sua.

Em seguida foram desenvolvidas atividades como pinturas, montagem de histórias e pesquisas em enciclopédias, visando orientação para a prevenção de cáries, doenças de gengivas e técnicas de escovação.

Foram realizadas pesquisas, focando alguns assuntos como: alimentos que devemos comer para fortalecer os dentes e alimentos que devemos evitar para não prejudicar os dentes; quais os dentes superiores e inferiores e incentivando-os a cuidar dos dentes que estão para nascer.

Também assinalaram em um desenho dos dentes superiores e inferiores, quais os “dentinhas” faltantes nos alunos, a “janelinha” presente. Durante as atividades, buscou-se conscientizar as crianças, através de materiais didáticos e demonstrações, sobre os cuidados necessários para manter uma boa saúde bucal.

Nesta atividade, as crianças que estavam com alguma “janelinha”, ou seja, dente faltante em sua dentição puderam expor-se sem vergonha, pois todos os que ainda não possuíam falta de algum dente, iriam tê-lo mais cedo ou mais tarde.

Trazer esta problemática foi importante para que os alunos sentissem que, na escola, podia-se falar abertamente sobre isso, sem constrangimento.

Na atividade em que foi apresentado um desenho da dentição completa e informado os alunos como será sua própria dentição quando adultos, e solicitado que indicassem pintando os seus “dentinhas” faltantes. Segundo a bibliotecária, isso ocasionou um novo comportamento nas crianças, socializando-as e dividindo entre si suas pequenas “aflições” quando da perda de seus dentes de leite.

b)Análise da Atividade

Para a formação desta análise crítica foram disponibilizados pela bibliotecária Raquel Pacheco um relatório resumido das atividades, com o registro das fotos de cada atividade desenvolvida.

A bibliotecária, mais uma vez, valeu-se de uma data comemorativa para presentear os alunos com uma atividade interessante no espaço da biblioteca.

O dia da “Saúde Bucal” serviu para mostrar aos alunos a importância de cuidados na dentição infantil, uma vez que, a higiene adequada trará benefícios para a saúde dos dentes permanentes.

E a bibliotecária, aproveitou o ensejo para ensinar como realizar pesquisa no acervo. A pesquisa realizada, incentivou os alunos para buscar nos livros informações sobre as questões propostas, atendendo ao seu interesse e conhecendo um pouco mais sobre o acervo existente na biblioteca e que pode ser utilizado não apenas para responder as perguntas sobre higiene bucal, como, também para quaisquer outros assuntos de interesse das crianças.

É importante destacar que para que esta atividade fosse realizada, a bibliotecária contactou terceiros, neste caso o dentista, a fim de disponibilizar um

material que não é comum encontrar numa biblioteca escolar, o que despertou sobremaneira a curiosidade das crianças.

Os materiais, com as dentições diversas, escovas, fio dental puderam ser manuseadas pelos alunos, que puderam conhecer um pouco mais da dentição que logo teriam, ou seja, a dentição permanente. Como poderiam utilizar a escova e o fio dental corretamente foi importante.

Isso acontece também quando é narrado uma história, e depois as crianças podem tocar os livros, de onde as histórias surgiram e visualizar as ilustrações. No caso dos modelos de dentições, os alunos tiveram acesso para tocá-las, observá-las enquanto ouviam as explicações. Nas atividades repassadas os alunos também puderam utilizá-las, facilitando o aprendizado.

Nas atividades desenvolvidas, as crianças receberam uma folha com uma dentição completa, e deveriam assinalar a sua dentição faltante, se fosse seu caso. Isso foi importante para as crianças, que puderam tratar de um assunto que talvez lhes constrangesse, seja pelos comentários dos coleguinhas, seja por vergonha da falta de algum “dentinho”.

Assim, a bibliotecária demonstrou que a biblioteca é um espaço onde podem ser contemplados assuntos como este de saúde dental, dividir experiências um pouco “conflitantes” entre os alunos, como no caso das “janelinhas” que normalmente assombram os alunos quando em tenra idade, e expô-las através de atividades, aprendendo a “brincar” com suas angústias, e tratá-las como algo normal por todos, aceitá-las e muitas vezes divertir-se com elas.

5.5 Aprendendo o significado das cores da nossa bandeira

Os símbolos e hinos são manifestações gráficas e musicais, de significativo valor histórico, e foram criados para transmitir às pessoas um sentimento de união nacional e mostrar a soberania do país. Segundo a Constituição Brasileira, em seu artigo 13, parágrafo 1º “São símbolos da República Federativa do Brasil a bandeira, o hino, as armas e o selo nacionais”.

A bandeira do Brasil, segundo o Portal Brasil (2010), em sua oitava e última edição, foi concebida após a proclamação da República, em 1889, representando as conquistas e o momento histórico vivenciado pelo país. Foi

projetada por Raimundo Teixeira Mendes e Miguel Lemos, com participação de Décio Vilares nos desenhos.

Aprovada pelo Decreto nº 4, de novembro daquele ano, a bandeira manteve a tradição das antigas cores nacionais - o verde e o amarelo - do seguinte modo: um losango amarelo em campo verde, tendo no meio a esfera celeste azul, atravessada por uma zona branca, em sentido oblíquo e descendente da direita para a esquerda, com os dizeres “Ordem e Progresso”. (PORTAL BRASIL, 2010).

Ainda, segundo informações do Portal Brasil (2010), as estrelas que fazem parte da esfera, representam a constelação Cruzeiro do Sul. Cada uma corresponde a um Estado brasileiro e, a única estrela acima na inscrição “Ordem e Progresso” é chamada Spica e representa o Estado do Pará.

O dia da bandeira é comemorado em 19 de novembro, mesma data em que foi concebida no ano de 1889.

a)Relato da atividade

No Dia Nacional da Bandeira, foi desenvolvido o projeto “Aprendendo o significado das cores da nossa bandeira” pela bibliotecária Raquel, na biblioteca onde atua. Esta atividade contemplou os alunos da Educação Infantil da Escola Desdobrada Retiro da Lagoa.

O objetivo dessa atividade foi desenvolver nas crianças o desejo de pesquisar conceitos de pátria. A bibliotecária buscou algumas informações pertinentes sobre a bandeira brasileira, para que as crianças tivessem a noção de pesquisa, ao mesmo tempo que conheciam o significado das cores da bandeira.

Em seguida, houve o hastear da bandeira do Brasil na biblioteca, e as crianças realizaram atividades desenvolvendo suas habilidades e coordenação motora, através de uma atividade de colorir uma figura da bandeira do Brasil.

Foi utilizada, para realizar esta atividade, cola colorida e, com o próprio dedo, as crianças preenchiam os espaços da bandeira com a cor adequada, observando a bandeira hasteada.

Segundo a bibliotecária, o hastear da bandeira na biblioteca auxiliou na atividade de colorir os desenhos. E puderam também familiarizar-se com a nossa bandeira, conhecendo o significado de suas cores, trocando informações entre eles

informalmente a cada busca alcançada pela pesquisa e absorvendo novos conceitos, como os de pátria e a noção de espaço.

b)Análise da Atividade

Para proceder à análise foram utilizados: relato escrito pela bibliotecária, fotos, e relato verbal da bibliotecária quando da aplicação da atividade.

A atividade de busca dos significados das cores que compõem a bandeira do Brasil destaca-se no sentido de se utilizar uma vez mais o acervo da Biblioteca Monteiro Lobato.

Assuntos distintos são tratados com a metodologia de pesquisa, levando as crianças a se habituarem a sanar suas dúvidas. As crianças aprendem a compartilhar seus resultados quando da sua pesquisa com os colegas que ainda não tiveram êxito em suas buscas, cooperando para que todos consigam terminar o trabalho proposto.

Adicionando essa busca nos livros e enciclopédias como uma atividade complementar ao desenho, a bibliotecária, cada vez mais, atrai as crianças ao ambiente dos livros, os periódicos e as ensina, de maneira prazerosa, a fazer uso do acervo.

Pode-se definir pesquisa, conforme Gil (1991, p. 19) "como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos". Sendo assim, o assunto tratado, sobre o significado das cores da bandeira nacional, foi o problema sugerido pela bibliotecária, e um desafio apresentado aos alunos, como uma brincadeira, e não imposto como tarefa enfadonha.

Visualizar a bandeira, sua forma, como é composta, suas cores e formas geométricas é importante para o conhecimento dos alunos. Adquirir conceitos de pátria, noções de cidadania deverá situá-lo dentro do país em que se encontra. E, mesmo na educação infantil, é importante que os alunos tenham noções de pátria, e entendam sua comemoração dentro do calendário escolar.

Cabe lembrar que ao procederem a atividade de pintura da bandeira, entenderam que cada cor tem um significado, comentando sobre isso numa conversa informal, ou seja, socializam a informação.

A bibliotecária, em cada atividade que utiliza a pesquisa atua no desenvolvimento das habilidades dos alunos. Estes, por sua vez, sempre que aprendem uma coisa nova, uma nova informação, percebem que se buscarem respostas mais complexas, seu conhecimento será enriquecido. Dessa feita, passam a ver a biblioteca com outros olhos, como um local onde é possível mesclar o lúdico com o útil, um local onde pode se aprender buscando e onde o estudo pode ser prazeroso.

5.6 Onde mora o livro

O livro sempre se apresentou como um objeto essencial para a formação das crianças. Por isso, conhecer o livro, aprender a identificar algumas informações importantes nele e saber localizá-lo nas estantes é fundamental para o aluno situar-se dentro da biblioteca.

Além de facilitar o trabalho da bibliotecária, concede certa independência ao aluno, que sente-se mais confiante ao circular entre as estantes, seja para buscar um texto literário, seja para realizar alguma pesquisa.

Segundo Kuhlthau (2002, p. 27), “há crianças que quase não tiveram oportunidades de ter contato com os livros ou de escutar histórias”. Por isso, é importante atentar para diversos fatores, e respeitar a percepção das crianças ao desenvolver atividades na biblioteca escolar.

Kuhlthau (2002, p. 33) atenta que,

[...] é importante que as atividades sejam planejadas para desenvolver uma atitude positiva com relação aos livros e à biblioteca. Portanto, é essencial que não só o ambiente da biblioteca seja agradável e convidativo, mas, também, que se ofereça uma variedade de atividades que atraiam e encantem as crianças.

Ao conquistar seu público, a bibliotecária pode atentar para aumentar o acervo, disponibilizar a informação em outros formatos e transformar seu leitor em assíduo usuário da unidade.

a)Relato da atividade

“Onde mora o livro” foi outra atividade desenvolvida em agosto de 2006 na biblioteca Monteiro Lobato pela bibliotecária. Participaram desta atividade os alunos das séries iniciais do ensino fundamental da escola.

O objetivo desta atividade foi repassar aos alunos algumas noções de organização da biblioteca, mostrar como os materiais estão dispostos, e o significado desta organização.

As crianças aprenderam a localizar os livros nas estantes para em seguida analisar, extrair as informações dos livros, pesquisar. Seguindo esta atividade assistiram a um vídeo: “de onde veio o livro?”. E foram realizadas atividades visando encontrar as obras dispostas na estante, aprendendo sobre a forma de organização das mesmas.

Conforme afirma Pacheco (2006, p. 347), “conquistar o público infantil, realizando atividades no ambiente da biblioteca é determinante para aproximá-los dos livros e incentivá-los à leitura, bem como na familiarização e uso da mesma”, pois a cada visita se lembrarão do que foi desenvolvido e se sentirão mais próximos para iniciar novas descobertas no acervo existente.

As atividades desenvolvidas para as crianças encontrarem os livros no acervo foram diferenciadas, dependendo da faixa etária das crianças. Para os alunos das 1º e 2º séries foi distribuído, em uma folha, explicações sobre o sistema de cores existentes para a guarda dos exemplares na biblioteca e qual a função da ficha catalográfica.

Em seguida, foram elaboradas questões como “qual o autor do livro?”, “qual o grau de dificuldade encontrado para achar o livro”. Enquanto que nas 3º e 4º séries as perguntas foram em maior número e com um grau de complexidade maior, por exemplo, foi apresentado o desenho de um livro propondo questões como “qual o nome da minha editora”, “qual foi o ano em que foi produzido”, “qual foi o local em que foi produzido”, fazendo com que os alunos de séries adiantadas, atentasse para esses detalhes.

Foi apresentado um vídeo com uma criança, chamada “Kika” e suas indagações ao andar pela biblioteca e, ao se deparar com tantos livros, questiona à sua mãe sobre a origem do livro. Sentindo-se decepcionada por não receber uma

resposta convincente, abre um exemplar e eis que um escritor “Flávio de Souza” comunica-se com a criança, respondendo a perguntas como “de onde veio o livro”, “como é feito”, e discorre sobre a evolução da fabricação dos livros desde a era dos chineses com seus carimbos até os dias de hoje com a imprensa.

Segundo a bibliotecária Raquel Pacheco, levando-se em consideração que a criança precisa ter contato com a biblioteca desde pequena e ainda possuir competências para a sua adequada utilização, desenvolveu-se atividade específica com intuito de levar as crianças a compreenderem que os materiais são organizados em determinada ordem, favorecendo a independência para movimentarem-se facilmente e encontrar os livros que desejam na biblioteca.

Esta atividade vêm agregar conhecimento aos alunos, pois estão dispondo de mais uma informação do funcionamento da biblioteca. Tendo uma noção da disposição dos livros nas estantes adquirem liberdade para suas buscas, e se sentem mais incentivados à buscarem novos livros para lerem.

b)Análise da Atividade

A presente análise dispõe do depoimento da bibliotecária Raquel Pacheco, do registro de fotos quando das atividades aplicadas aos alunos, do artigo publicado pela bibliotecária Raquel Pacheco, “Alternativas de incentivo à leitura: relato de experiência” e do vídeo “de onde veio o livro?”.

Ao observar as fotos registradas, nota-se um empenho dos alunos quando da busca dos exemplares para procederem ao preenchimento da ficha relativa à atividade “Onde o livro mora”.

Notou-se alunos buscando encontrar os exemplares, trazendo estes exemplares até a mesa, folheando-os, buscando as informações e preenchendo finalmente as fichas. A bibliotecária auxiliou as atividades, para atender aos alunos, no caso de alguma dúvida pertinente.

O filme apresentado trouxe informações importantes sobre a origem do livro e sua evolução até os dias de hoje. A fala da personagem “Kika” com seu vocabulário simples e comportamento infantil foi importante para o entendimento das crianças acerca do assunto.

O filme misturou um personagem do desenho, a “Kika”, que se depara com um humano na figura no escritor que, ao responder suas indagações, repassa os contextos em que os livros foram evoluindo.

Traz para a realidade da criança informações com um certo “jeito infantil”, uma vez que a personagem “kika”, elabora suas perguntas dignas do vocabulário de uma criança, e identificando-se com as crianças para quem o vídeo é direcionado.

As atividades foram importantes para as crianças no sentido de trazer para o ambiente da biblioteca um assunto pertinente: o livro, sua evolução e onde ele se encontra, pois é ali mesmo, na biblioteca, que as crianças precisam vivenciar a busca do conhecimento e saber se situar.

A bibliotecária forneceu informações para criar uma independência para o aluno saber realizar a busca pelos seus livros.

E ao manusear cada exemplar, as crianças se darão conta da evolução que houve com o livro. Desde quando ele se apresentava na forma de carimbos na China, e todo caminho realizado para que a forma atual chegasse às suas mãos.

Dar importância para a forma do livro e ainda mais para as informações contidas no interior dos livros é um dos caminhos para formar um leitor consciente da necessidade da preservação e cuidado das obras da biblioteca.

5.7 Higienização do acervo da nossa biblioteca

O acervo da biblioteca Monteiro Lobato é composto de obras de literatura infantil, educação, enciclopédias, livros didáticos, mapas, dicionários, fantoches, atlas, periódicos, fitas de vídeo VHS e DVD`s.

São vários os motivos que podem deteriorar as obras. Alguns fatores físicos como a iluminação, umidade, temperatura, e falta de ventilação; químicos como gases atmosféricos e poeira; e ainda os biológicos como os insetos, microorganismos, e os humanos, que são os principais causadores do desgaste das obras.

Frente a um acervo danificado e em risco de perda, a primeira providência a ser tomada é efetuar um minucioso diagnóstico dos motivos que levaram a sua degradação e tentar minimizar estes agentes agressores. O manuseio inadequado dos documentos é um dos fatores de degradação muito freqüente em qualquer tipo de acervo. A operação técnica de higienização nada mais é do que manter o acervo limpo. (PACHECO, 2007, p. 92).

Baseando-se na observação da bibliotecária Raquel Pacheco sobre a situação do acervo da Biblioteca Monteiro Lobato, e da falta de cuidado pelas crianças com os livros, realizou-se a atividade de higienização do acervo.

A bibliotecária, apta para realizar as técnicas de conservação das obras, buscou trazer as crianças para a biblioteca, afim de que participem de algumas atividades visando à conservação das obras.

Assim como as pessoas, também os livros têm um ciclo de vida útil, que abrange o período desde sua criação até o momento em que, devido ao seu estado, não podem mais ser utilizados. Para prolongar a vida útil de um livro é necessário adotar certos procedimentos e técnicas de preservação e conservação. A preservação e a conservação são um conjunto de práticas que previnem e evitam que o livro seja danificado pela ação do tempo e outras circunstâncias. Apesar de alguns danos serem irreversíveis, se bem empregadas, as técnicas de preservação e conservação minimizarão as agressões sofridas pelo livro. (CORADI; EGGERT-STEINDEL, 2008, p. 347).

Identificar as obras danificadas, e saber os motivos pelos quais elas ficaram nessas condições, é importante, para que as crianças aprendam a cuidar dos livros que emprestarem da biblioteca. Participar de uma atividade em que serão aplicadas técnicas de higienização nos livros, e observar que poderão ser recuperados, para serem novamente utilizados é um aprendizado para as crianças.

a)Relato da atividade

A atividade foi realizada no segundo semestre de 2007, com os alunos da 4º série do ensino fundamental da Escola Desdobrada Retiro da Lagoa pela bibliotecária Raquel Pacheco, em forma de oficina.

O objetivo foi aprimorar o contato do aluno com a biblioteca, com práticas como a higienização e restauração, desenvolvendo competências para a sua utilização e com o intuito de levar as crianças a compreenderem que o acervo da biblioteca é um bem comum, devendo ser preservado por todos.

Como metodologia, foi realizado um diagnóstico dos motivos que levaram à degradação das obras, podendo assim os mesmos serem evitados futuramente, e a realização da higienização do acervo, com as técnicas repassadas e acompanhadas pela bibliotecária Raquel Pacheco. Foram utilizadas luvas e máscaras apropriadas para a atividade, visando preservar a saúde dos alunos.

O manuseio inadequado dos documentos é um dos fatores de degradação muito freqüente em qualquer tipo de acervo, segundo a bibliotecária realizadora da oficina. A operação técnica de higienização nada mais é do que manter o acervo limpo.

O Dicionário Brasileiro de Terminologia (2005, p. 103) assim define higienização: “retirada, por meio de técnicas apropriadas, de poeira e outros resíduos, com vistas à preservação dos documentos”.

As crianças aprenderam a “ralar” a borracha na parte mais fina do ralador de cozinhar para obter uma “poeira de borracha” e assim utilizarem-na na limpeza dos exemplares, com um pincel. Depois disso foi preenchida uma ficha técnica com o tratamento efetuado em cada livro, e os exemplares voltaram às estantes para o manuseio dos alunos. Além disso, separaram os livros que necessitavam de restauração pela capa danificada, ou folhas soltas.

Dentro de um contexto educativo, tentou-se despertar a atenção das crianças sobre a importância de conservar e preservar os materiais da biblioteca. Buscou-se conscientizar as mesmas, por meio de materiais didáticos, demonstrações e a prática, a noção, sobre os pequenos cuidados necessários para manter o acervo em perfeitas condições de uso.

Atitudes como: ao retirá-los da estante não puxá-los pela lombada, mas afastar os livros vizinhos, ao manuseá-los não umedecer os dedos com a saliva, não rabiscar ou dobrar páginas e muito menos tentar “restaurar” o livro em casa, contribuem para a conservação do acervo.

b)Análise da Atividade

A presente análise valeu-se do relatório elaborado pela bibliotecária Raquel Pacheco e por seu depoimento.

Uma vez mais a bibliotecária teve o intuito de mostrar aos alunos questões relativas ao ambiente da biblioteca escolar, aproximando os alunos dos livros. E questões foram apresentadas como o porquê de alguns deles estarem danificados, da importância da limpeza dos exemplares, de que não se pode tentar “restaurar” o livro em casa com materiais impróprios e de forma incorreta, mas que existem técnicas para esta atividade ser realizada. Destaca-se a importância dessas

informações repassadas às crianças, pois cria um comprometimento com o futuro manuseio dos livros.

Além disso, a atividade proporcionou uma experiência de “bibliotecários” para as crianças aprendendo a técnica de higienização, essa “satisfação das curiosidades infantis e juvenis”, que Martínez e Calvi (1994, p. 19) comentam.

As técnicas empregadas foram simples, como “ralar” a borracha de apagar, um objeto utilizado pelos alunos no dia-a-dia da escola e de conhecimento de todos. Obter um material para a limpeza dos livros, e utilizar um pincel facilitou o desenvolvimento das crianças na atividade, pois, ao contrário, se se deparassem com técnicas avançadas não entenderiam o processo e nem se dariam conta do que estariam realizando.

O ato de devolver, em bom estado, uma obra na estante, que antes encontrava-se suja ou danificada, proporcionou alegria para as crianças que dela participaram, com a ajuda da bibliotecária, na higienização do acervo.

A atividade foi premiada pelo Instituto Guga Kuerten, no 5º Prêmio IGK - 2007 como uma “ação educativa” plausível.

O Prêmio IGK, segundo o *site* do Instituto Guga Kuerten (2010), é uma iniciativa que tem como objetivo estimular e mostrar à sociedade que pessoas e organizações, através de ações socialmente responsáveis, estão colaborando no desafio da verdadeira transformação social. Dividido em três categorias, o Prêmio é entregue anualmente para quem se destaca no desenvolvimento de projetos sociais, ações educativas e ainda na mídia, com a veiculação de reportagens sobre a deficiência ou a educação com crianças que promovam impacto social.

As crianças sentiram-se “famosas”, pois participaram de uma atividade que foi premiada por um Instituto como uma “ação educativa”; foram também idealizadoras e ajudaram a desenvolver o projeto: aprenderam e sentiram-se recompensadas pelo feito.

5.8 Oficina na biblioteca: um dia de bibliotecário

Ao buscarem um livro na estante, os alunos não têm noção do processamento ocorrido, dos registros e de todo o trabalho técnico desenvolvido pelo bibliotecário para disponibilizar a obra.

O processamento técnico consiste em analisar, classificar, catalogar, registrar, para então disponibilizar as obras para os usuários da biblioteca. Nem todas as bibliotecas possuem tecnologia como um computador para auxiliar neste processamento. A realidade das bibliotecas escolares nem sempre é satisfatória.

No caso da Biblioteca Monteiro Lobato, a bibliotecária optou por realizar com as crianças uma atividade manual, em que todos os passos fossem realizados sem a utilização de tecnologia.

a)Relato da atividade

A atividade foi realizada com os alunos da 4º série do ensino fundamental, em julho de 2008. A bibliotecária Raquel Pacheco realizou a atividade de oficina na biblioteca, em que,

Procurou-se desenvolver atividade específica com intuito de favorecer o entendimento do trabalho que constitui o processamento técnico do acervo da biblioteca. Ou seja, facilitar a compreensão sobre as atividades inerentes ao gerenciamento da biblioteca e o processamento técnico do acervo, sendo que o mesmo fica sob a responsabilidade de um profissional bibliotecário, que, prepara os materiais para circulação e ainda, realiza o atendimento e auxílio ao usuário que chega à biblioteca. (PACHECO, 2009, p. 484-485).

O objetivo desta atividade foi o de despertar a atenção das crianças sobre a importância do cuidado com o acervo da biblioteca. Buscar conscientizar as mesmas, por meio de materiais didáticos, demonstrações e a prática, a noção sobre as atividades inerentes ao gerenciamento da biblioteca. E, ainda, ter algumas noções como o processamento técnico do acervo é realizado.

E alguns pequenos cuidados necessários para manter o acervo em perfeitas condições de uso, tais como: não realizar refeições dentro da biblioteca; colocar o livro com cuidado na mochila quando levar para casa...

A metodologia de ação empregada foi uma oficina composta por apresentação de obras já preparadas e práticas de atividades inerentes ao processamento técnico, ou seja, as crianças realizaram o trabalho de um bibliotecário. Puderam assim, vivenciar algumas etapas pelas quais os materiais de uma biblioteca passam até chegar à estante e, por conseguinte até o usuário, que neste caso são as próprias crianças.

A bibliotecária, em seu relatório da oficina na biblioteca, acredita que criando novas formas de vivenciar situações, adquire-se maior conhecimento e que, praticando o aprendizado torna-se mais fácil. Entende ainda, que quando as pessoas em geral, vivenciam, participam e passam a conhecer o desenvolvimento do trabalho de outra pessoa, começam a valorizar e respeitar o mesmo.

A atividade de processamento técnico desenvolvida pela bibliotecária com os alunos consistiu na confecção de um bolso, que é um suporte colocado na parte interna da capa posterior do livro, com sua ficha de anotação de devolução da referida obra.

Os alunos aprenderam também a sinalizar a lombada do livro com etiquetas coloridas. O registro das obras como propriedade da biblioteca, também foi efetuado e a arrumação dos livros nas estantes de acordo com as cores que definem os assuntos. Após executadas essas atividades, os alunos se dirigiram às estantes e escolheram um exemplar para emprestá-lo. Finalizou-se assim o processo que foi iniciado com o processamento técnico até chegar à fase do empréstimo.

Segundo a bibliotecária, por meio desta atividade, os alunos tiveram a compreensão de que o acervo da biblioteca é de todos e que se deve zelar por ele. Compreenderam também que além de planejar, organizar, gerenciar a biblioteca o bibliotecário auxilia, também, os alunos na utilização do acervo.

O entusiasmo foi notado pelos pais, conforme consta no relatório da oficina, nos seus depoimentos, pois ao chegarem às suas casas, os alunos denotavam preocupações com os livros para que não se danificassem, não soltassem as folhas, e que todos tomassem muito cuidado com a obra, valorizando a atividade desenvolvida na oficina da biblioteca e os livros.

b)Análise da Atividade

Esta análise foi desenvolvida a partir do relatório da bibliotecária idealizadora da oficina na biblioteca: Um dia de Bibliotecário, realizada na Biblioteca Escolar Monteiro Lobato.

Conforme afirma Pacheco (2009, p. 483-484), na Escola Desdobrada de Ensino Infantil Retiro da Lagoa “há uma preocupação constante em criar situações

voltadas para a construção e a sistematização do conhecimento através da leitura, bem como motivar, com métodos mais recreativos e funcionais, o uso da biblioteca”.

Sendo assim, a bibliotecária colocou à disposição dos alunos uma outra visão da biblioteca escolar, aquela que não é notada quando das visitas dos alunos ao acervo ou de atividades recreativas desenvolvidas neste ambiente.

Conforme Martínez e Calvi (1994, p. 26) essa unidade pode ser vista como “uma porta de acesso a emoções, respostas, soluções, experiências gratificantes e prazer”. O que demonstra que atividades deste cunho podem ser realizadas e os objetivos propostos alcançados, proporcionando o aprendizado aos alunos que estão acostumados a ver a biblioteca somente como uma guardiã dos livros.

Uma nova biblioteca se descortina para as crianças, quando abrem o livro e descobrem que houve um envolvimento de outras pessoas para organizarem aquela obra, que ela foi catalogada, faz parte de uma organização, que houve um processamento técnico que possibilitou que o livro fosse parar na estante.

As crianças confeccionaram o “bolso”, suporte colocado nos livros para identificá-los, com informações como o nome da biblioteca, título do livro e registro, e que abriga uma ficha para o controle do empréstimo. Para isso dispuseram de materiais como cola e papel. Mesmo sendo uma atividade técnica, realizaram-na com prazer; mesmo sendo um trabalho, foi executado com alegria.

Participaram ativamente, como pode ser notado nas fotos do relatório, e, para finalizar, emprestaram obras, fazendo parte de todo o processo realizado. Foram novamente “bibliotecários por um dia” e pelos comentários documentados, gostaram da experiência e realizar-na-iam novamente.

Ao responderem à questões como “O que aprendi na oficina”, os alunos disseram que sentiram-se bibliotecários, e aprenderam um pouco do seu dia-a-dia. Isso demonstra que tiveram uma idéia da rotina do bibliotecário que encontra-se na biblioteca escolar e apreciaram a atividade, podendo até ser uma experiência que poderá influenciá-los futuramente em suas escolhas profissionais.

A bibliotecária, com esta atividade, participou e foi finalista do Prêmio Instituto Guga Kuerten em 2008.

5.9 Transformações da escrita e seus suportes: do passado ao presente

Desde a escrita nas pedras, até o suporte do papel, um longo caminho foi percorrido: tábuas de argila, pranchas de madeira foram alguns dos suportes mais utilizados para o registro de informações durante muito tempo.

Mas, o primeiro material relevante a ser utilizado no Ocidente, como suporte para a escrita, segundo Fernandes (2001), foi o papiro, produzido pelos egípcios, a partir de um vegetal comum nas margens do Rio Nilo, mas que, devido ao seu alto custo foi substituído pelo pergaminho, feito a partir de couro de novilhas, ovelhas e cabras.

O papel, “invento de origem chinesa no século II”, segundo Fernandes (2001, p. 134), somente no início do século XII é que sua fabricação é introduzida na Europa pelos árabes, devido a uma crescente popularização da escrita, antes somente restrita ao clero e à alguns poderosos da época.

A bibliotecária, atenta à importância do assunto, traz ao alunos a atividade “Transformações da escrita e seus suportes: do passado ao presente”, que iniciou-se na sala de aula, falando sobre a origem da escrita, através de uma conversa informal em que a professora avaliou o interesse da turma pelo assunto.

A atividade foi desenvolvida com os alunos da pré-escola, coordenada pela bibliotecária.

a)Relato da atividade

A atividade foi realizada em julho de 2009 e teve como objetivo propiciar um aprendizado com as crianças da educação infantil com relação ao surgimento da escrita e sua importância.

A metodologia foi oficina composta por uma conversa informal, apresentação de vídeo, leituras e pesquisa de materiais sobre o assunto e a manipulação de alguns materiais como argila, plantas e tecidos, conforme consta no relatório da oficina realizada.

A professora explorou a parte da pré-história, explicando sobre os homens das cavernas, como socialmente organizavam-se, caçavam e comunicavam-se.

Quando a professora da pré-escola foi até a biblioteca e solicitou à bibliotecária, que disponibilizasse alguns materiais sobre a história da escrita, ouviu um *insight* e, dentro de um contexto educativo, a bibliotecária preparou alguns materiais sobre o assunto e solicitou à professora que a auxiliasse nesta expedição.

Sendo assim a bibliotecária e a professora buscaram despertar a atenção das crianças sobre as transformações ocorridas na escrita e nos seus suportes.

Foi esclarecido às crianças que quando o homem começou a plantar, criar animais, fiar, construir cidades, a escrita passou a ser um instrumento necessário e importante.

E pensando em expandir esse conhecimento do mundo que as crianças possuem, por meio de materiais didáticos, demonstrações e prática, resolveu-se organizar uma pequena oficina: as transformações da escrita e seus suportes: do passado ao presente.

As crianças da pré-escola puderam aprender praticando de forma lúdica e prazerosa a atividade com vistas a tornar o aprendizado das crianças na educação infantil eficaz e acreditando que a criança precisa ter contato com a biblioteca desde cedo.

Houve uma simulação da escrita na era das cavernas, com um papel *craft* e giz de cera, em que as crianças puderam ter a sensação de como era desenvolvida a escrita antigamente.

As crianças conheceram outras formas utilizadas pelos povos antigos como a escrita na argila, que facilitava o transporte ao se mudarem de um lado para outro.

A escrita no papiro foi outra atividade desenvolvida, com uma folha de bananeira e tinta nanquim, simulando o papiro e a pena. Ainda conheceram a escrita no pergaminho, para enfim chegar ao papel, suporte utilizado até os dias de hoje.

Na avaliação da bibliotecária Raquel, sobre o desenvolvimento da atividade, foi possível perceber a compreensão das informações repassadas e o potencial criativo apresentado pelas crianças.

A atividade teve participação integral das crianças, com ótimos resultados com relação ao entendimento sobre a escrita, seus suportes e sua importância. Isso pode ser verificado pelo depoimento dos pais, repassados à bibliotecária Raquel. As

crianças, ao longo do caminho de volta da escola, entusiasmavam-se ao relatar todas as atividades que haviam desempenhado naquele dia na oficina realizada.

Esta atividade também participou e foi premiada no ano de 2009 pelo Instituto Guga Kuerten – IGK, como uma ação educativa.

b)Análise da Atividade

A presente análise baseia-se no relatório da oficina realizada e no depoimento da bibliotecária Raquel Pacheco, idealizadora da atividade. A atividade “Transformações da escrita e seus suportes: do passado ao presente” trouxe um novo enigma para as crianças decifrarem.

Ao iniciar o período escolar os alunos se deparam com a escrita, seja de seus nomes, soletrando, as vogais, o nome dos pais e familiares, e assim por diante. Deve-se, então, permitir que

desde o início de sua escolarização, a criança perceba a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, observando as condições nas quais é produzida, suas várias funções e características. (CAMPELLO et al., 2002, p.57).

Saber a origem desta atividade que se inicia e segue ao longo da jornada escolar e afora, se torna fundamental para que a criança tenha um referencial.

E isso ser destacado tanto pelos professores, quanto pela bibliotecária, torna-se essencial para adicionar mais conhecimento e repassar informações sobre o caminho percorrido pela escrita até os dias de hoje, quando a criança pode dispor de uma folha e caneta e a escrita acontecer, simplesmente.

Ter o *insight* para perceber a necessidade desse repasse de conhecimento é de grande valia, e tanto a bibliotecária, quanto os professores têm a ganhar, em termos de troca de experiências.

Para as crianças com faixa etária de 4 a 5 anos, as informações foram repassadas de uma forma simples e de fácil entendimento. Houve períodos de prática, onde, a própria escola tornou-se campo para o desenvolvimento das atividades concernentes a esta oficina. Além da bibliotecária, o professor e sua auxiliar também participaram no desenvolvimento da oficina.

As crianças entusiasmaram-se com a atividade diferenciada, segundo a bibliotecária Raquel. Demonstra, assim, a necessidade de conhecimento que as

crianças apresentam, independente da faixa etária, observada pela participação nas práticas e a cooperação das crianças para a realização das atividades.

6 CONCLUSÃO

Com base nos registros, relatórios e depoimentos orais da bibliotecária Raquel Pacheco, que atua na biblioteca escolar Monteiro Lobato da Escola Desdobrada Retiro da Lagoa, situada no Bairro da Lagoa da Conceição em Florianópolis/SC pôde-se descrever as principais atividades desenvolvidas nesta biblioteca, analisá-las em suas principais características e verificar o seu efeito nas crianças que delas participaram.

Pode-se dizer que os objetivos propostos neste trabalho de conclusão de curso foram alcançados, pois todas as atividades desempenhadas pela bibliotecária Raquel e disponibilizadas pela mesma foram descritas e analisadas.

Leva-se em consideração o empenho da bibliotecária, o que também pôde ser notado nos depoimentos orais, em que ela afirma que seu diferencial era de “gostar do que realizava”, e em sua busca para trazer atividades que apresentassem assuntos interessantes para as crianças.

Com isso, despertou a curiosidade dos alunos e desenvolveu a criatividade, pois envolveu as crianças de tal forma que as mesmas participaram não apenas das histórias, mas também das atividades lúdicas complementares, como, por exemplo, a confecção de dobraduras, colagens, cruzadinhas.

Apresentou informações importantes para as crianças, como na atividade “Semana da Saúde Dental”, em que abordou técnicas de escovação e higiene bucal. Explorou este assunto também por atividades desenvolvidas, demonstrando a preocupação por apresentar informações que beneficiassem as crianças nos seus hábitos diários.

Trouxe os alunos para a biblioteca para conhecerem um pouco do trabalho técnico desenvolvido pela bibliotecária, de catalogar, registrar e disponibilizar os livros na estante para o empréstimo. As crianças tiveram uma noção e puderam realizar também algumas atividades, participando na confecção de bolso do livro, contribuindo na organização da biblioteca.

Cabe ressaltar que algumas atividades realizadas com as crianças foram premiadas como uma iniciativa educativa pelo Instituto Guga Kuerten. A bibliotecária acreditou que, dessa forma, incentivaria outras instituições escolares a realizar com

seus alunos algumas atividades instigantes, informativas e prazerosas no espaço da biblioteca.

Isso demonstra que o profissional da informação deve ultrapassar as barreiras do trabalho técnico e alçar vôo para novos horizontes. A bibliotecária fez isso, pois desenvolveu atividades diversificadas com as crianças, preparando a biblioteca para recebê-los, disponibilizando os materiais, organizando as histórias a serem contadas, apresentando assuntos interessantes, aliando atividades à datas comemorativas, folclore e outros assuntos.

A bibliotecária descortinou o mundo dos livros para as crianças, apresentou coisas novas e foi bem aceita, demonstrou que a forma de desenvolver algumas atividades pode modificar a forma como a biblioteca é vista, não simplesmente como um depósito de livros, e sim, como um depósito do conhecimento a ser descoberto. Assim, destacou a importância da biblioteca no cotidiano escolar.

Infere-se que a contação de histórias pode trazer um mundo mágico; o universo de fantasias e aventuras, explorado pelo texto ficcional produz alegria para as crianças. Infere-se também que novas informações, que colaborem para hábitos saudáveis das crianças, podem ser apresentadas de forma lúdica; assim, o colorir, cortar, dobrar, criar, mesclam-se com o aprender, conhecer, estudar. E tudo pode ser despertado na biblioteca escolar se ela tiver à frente um profissional que enfrente as intempéries diárias do comodismo e da rotina e ouse se aventurar em novos caminhos, novas estratégias para transformar esse espaço tradicionalmente considerado como reduto do silêncio e da pesquisa em um espaço de liberdade, expressão, sociabilidade e responsabilidade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Maria F. **O Saci**. São Paulo: FTP, 1989.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Ática, 1991.

BARCELLOS, Gládis M. F.; NEVES, Iara C.B.. **A Hora do Conto**: da fantasia ao prazer de ler. Porto Alegre, RS: Sagra, 1995.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CABRAL, Gabriela. **Folclore**. Disponível em: < <http://www.brasilecola.com/folclore/>>. Acesso em: 17 out. 2010.

CALDIN, Clarice F. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista ACB**, Florianópolis, v.10, n. 2, p. 163-168, 2005. Disponível em: <<http://www.revista.acbsc.org.br/>>. Acesso em: 12 out. 2010.

CAMPELLO, Bernadete S. et al. **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CARVALHO, Maria da C. Escola, biblioteca e leitura. In: Campello, Bernadete Santos et al. **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 21-23.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. **Metodologia Científica**: para uso dos estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill, 1983.

COELHO, Nelly N. C. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

CORADI, Joana P.; EGGERT-STEINDEL, Gisela. Técnicas básicas de conservação e preservação de acervos bibliográficos. **Revista ACB**: Florianópolis, v.13, n.2, p.347-363, jul./dez., 2008. Disponível em: < <http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/588/693>>. Acesso em: 17 out. 2010.

CORRÊA, Elisa C. D. et al. Bibliotecário Escolar: um educador? **Revista ACB**, Florianópolis, v.7, n.1, 2002.

DICIONÁRIO Brasileiro de terminologia. Rio de Janeiro: **Arquivo Nacional**, 2005. Disponível em: < <http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2010.

FERNANDES, Amaury. Notas sobre a evolução gráfica do livro. **Revista Comum**, Rio de Janeiro, v.6, n. 17, p. 126-148, 2001. Disponível em: <

<http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum17/pdf/notas.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2010.

FONSECA, Edson N. da. **A biblioteca escolar e a crise da educação**. São Paulo: Pioneira, 1983.

FOUCAMBERT, Jean. **A Leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

INSTITUTO GUGA KUERTEN. Disponível em:

<<http://www.igk.org.br/index.php?cmd=premio-igk&id=5&lang=pt-BR>>. Acesso em: 19 out. 2010.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. Disponível em: <

<http://www.scribd.com/doc/7073594/Monteiro-Lobato-Sitio-Do-PicaPau-Amarelo-Vol-1-Reinacoes-de-Narizinho>>. Acesso em: 17 out. 2010.

MAROTO, Lucia H. **Biblioteca escolar, eis a questão!** Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MARTÍNEZ, Lucila; CALVI, Gian. **Biblioteca & Escola Criativa: estratégias para uma gerência renovadora das bibliotecas públicas e escolares**. Petrópolis, RJ: Autores & Agentes & Associados, 1994.

MARTINS, Maria H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. Campinas, SP: Editora da universidade Estadual de Campinas, 1996.

PACHECO, Raquel. Alternativas de incentivo à leitura: relato de experiência.

Revista ACB, Florianópolis, v.11, n.2, p. 345-352, ago./dez., 2006. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/437/562>>. Acesso em: 10 out. 2010.

PACHECO, Raquel. Higienização do acervo da biblioteca Monteiro Lobato: relato de experiência. **PerCursos**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 90-99, jul. / dez. 2007.

Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/.../1296>> Acesso em :11 out. 2010.

PACHECO, Raquel. Oficina na biblioteca: um dia de bibliotecário. **Revista ACB:**

Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.14, n.2, 482-492, jul./dez., 2009.

Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/download/634/745>>. Acesso em: 10 out. 2010.

PORTAL BRASIL. **Estado Brasileiro**: Símbolos e hinos. Disponível em: <
<http://www.brasil.gov.br/sobre/o-brasil/estado-brasileiro/simbolos-e-hinos>>. Acesso em: 17 out.
2010.

REVERBEL, Olga. **Teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1997.

SILVA, Ezequiel T. da. **Criticidade e leitura**: ensaios. Campinas, SP: Mercado de
Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SILVA, Ezequiel T. da. **Leitura na escola e na biblioteca**. São Paulo: Papyrus,
1993.

SILVA, Ezequiel T. da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova
pedagogia da leitura. São Paulo: Cortês: Autores Associados, 1987.

SILVA, Waldeck C. da. **Miséria da Biblioteca Escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

TAVARES, Denise F. **A Biblioteca Escolar**. São Paulo: LISA, 1973.

UNESCO. **Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar**, 1999. Disponível
em: <archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2009.

ANEXOS

**ANEXO A –
Folder de divulgação da Escola Desdobrada Retiro da Lagoa e da
Biblioteca Monteiro Lobato – Um pouco de história**

UM POUCO DE HISTÓRIA

De acordo com o relato histórico da nerendeira Anália Luíza Correia, a escola Isolada Retiro da Lagoa data por volta de 1930. No final da década de 1940, mudou-se para a residência do Sr. José Francisco de Souza. Por volta de 1956, mudou-se, agora para a propriedade do Sr. Francisco José Florindo. Foi

oficializada em 1969, pelo decreto, N. 169, de 13 de março de 1969. No ano de 1971 é transferida para Rua Thiago, 210, onde está até os dias atuais, com a denominação de Escola Desdobrada Retiro da Lagoa. Contando com uma sala de aula, cozinha, banheiros e um refeitório. Em 1992 a escola foi ampliada e passou a contar com

mais uma sala para o funcionamento do Núcleo Educação Infantil (NEI). Desta forma, em 1993 o N.E.I. passa a funcionar em período integral, atendendo crianças de Jardim e Pré-escola. No ano de 2003 se se dá a instalação da biblioteca.

HORÁRIO DE ATEDIMENTO

8h às 12h
13h às 17h

Segunda-feira a sexta-feira

ENDEREÇO

Av. Prefeito Acácio G. Santiago, 210
Lagoa da Conceição – Florianópolis/SC
88062-600

Fone: (48) 232-5199
3232-5333

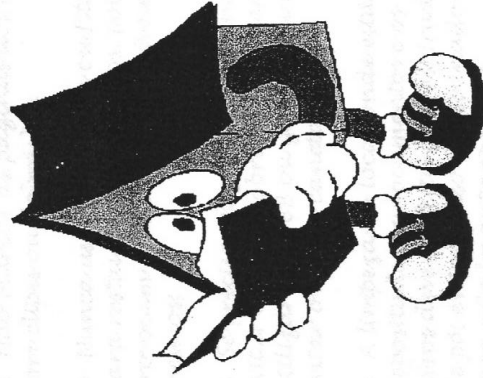
Ninguém aprende a gostar de leitura apenas ouvindo falar de livros ou vendo-os de longe, trancafiados numa prateleira. É necessário que a criança e o professor pegue e manipule o ingrediente (livro), leia o que está escrito dentro dele para sentir o gosto e verificar se essa atitude tem ou poderá ter uma aplicação prática em seu contexto de vida

(EZEQUIEL THEODORO DA SILVA)



Escola Desdobrada do Retiro da Lagoa

AVULSO DE BOMBAZINHO



Biblioteca

HISTÓRICO

A Biblioteca da Escola Desdobrada Retiro da Lagoa foi criada no início do ano de 2003. Localizada próximo ao espaço do IIº e IIIº período, junto ao parquinho, com uma área aproximada de 40m², possui vários volumes e capacidade para atender todos os alunos da Escola.

MISSÃO

Disponibilizar serviços de aprendizagem, livros e recursos que permita a todos os membros da comunidade escolar tornarem-se efetivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação.

OBJETIVOS

Apoiar e promover os objetivos educativos de acordo com o currículo escolar;
Criar e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da utilização da biblioteca ao longo da vida.

ACERVO

Atualmente contamos com aproximadamente 4.500 volumes, incluindo obras de referência, catarinense, livros didáticos, livros de lazer (literatura em geral), periódicos em geral, Gibis, Folhetos, Gravuras, Jogos, Material audiovisual, Mapas.

SERVIÇOS

Consulta local;
Pesquisa bibliográfica;
Empréstimo.

O acervo da biblioteca é de todos. Conserve o que é seu.

Evite:

- Não pegar os livros com as mãos sujas;
- Não realizar refeições dentro da biblioteca;

- Não retirar o livro da estante puxando-o pela borda su;
- Nunca umedecer os dedos com líquidos para virar as páginas do;
- Não apoiar cotovelos sobre os volumes de grande porte durante leituras;
- Não marcar as páginas dos livros com cliques ou dobrá-las;
- Nunca usar fita durex ou fita c para restaurar documentos, pois provocam manchas irreversíveis ne mesmos;
- Se precisar fazer alguma anota evitar escrever sobre o documento. Utilizar lápis 6B ou grafite macio. Evitar o uso de canetas;
- A limpeza do local onde estão depositados os documentos e os livros deve ser feita com aspirador de pó; evitar o uso de espanador para não levantar poeira;
- Para limpar livros e documento passar um pano úmido em pouca água com uma solução germicida (tipo Lipoform, misturado com água;
- Manter os locais de depósito sempre limpos, realizando periodicamente limpezas;

**ANEXO B –
Texto do Teatro intitulado A Biblioteca de Emília**

Narrador: Raquel: Vamos apresentar um teatro, com fantoches, "A Biblioteca da Emília", essa história aconteceu no Sítio do Picapau Amarelo, há muitos anos, onde vivem a Emília, o Visconde de Sabugosa, dona Benta, tia Nastácia, o Saci, o Pedrinho, a narizinho, tio barnabé, Rabicó e outros personagens criados pelo escritor Monteiro Lobato...

Juliana (dona Benta): Onde andam as crianças Nastácia? Sairam cedo e até agora nem sinal deles...

Juliana (Tia Nastácia): onde andam? Por esse mundão afora, sinhá, devem estar fazendo mil estripulias por aí. Aqueles diabretes são capazes de tudo! Depois que deram comigo na lua e me deixaram cozinhado para São Jorge e aquele terrível dragão que me espiava e lambia os beiços. Credo!! Só de lembrar disso ainda sinto um arrepio no corpo...

Juliana (dona Benta): A Emília estava lá?

Juliana (Tia Nastácia): Se estava!!! A Emília está virando a lampazinha do bando, depois que se apanhou dona daquele boi dum chifre só, o tar de ri...ce...ronti.

Juliana (dona Benta): É rinoceronte Nastácia, fala certinho! (pessoal, vamos ensinar o Tia Nastácia falar? RI NO CE RON TE)

Juliana (Tia Nastácia): É isso mesmo. Depois que a doida da Emília se apanhou amiga do rinoceronte, está se achando uma rainha de tão mandona. Me chama de analfabeta pra baixo, como se eu não tivesse ajudado a tia Nastácia a costurar ela, ora!!

Juliana (dona Benta): analfabeta, Nastácia! Olhe a gramática. Precisa ler e estudar, está falando muito errado.

Juliana (Tia Nastácia): Indamais isso agora, essa tar de gramática, como se não fosse pouca a minha trabalhadeira lá na cozinha e ainda esse tar de ríceronti no quintar me espiando o tempo todo. Que coisa..

Juliana (dona Benta): Espere, que horas são?

Juliana (Tia Nastácia): É tarde, muito tarde, farta pouco pra fazê o jantá, não se assuste que a criançada não tarda. Está por aí. Quando a fome aperta, vêm todos ventando. Onde eles costumam passeá, tem de tudo, fadas, príncipes, castelos de ouro, tudo, menos comida.

Narrador: (Raquel) nesse momento... chegam todos no Sítio do Picapau Amarelo...

Juliana (dona Benta): Por onde andavam?

Maristela (Narizinho): nem queira saber vovó! Temos uma aventura das mais perigosas. Na floresta lá perto da casa da menina da capinha vermelha.

Maristela (Pedrinho): Pois é vovó, fomos parar bem perto da casa da Capinha vermelha e sabe quem encontramos? O lobo, aquele horrível lobo que comeu a vovozinha dela...

Maristela (Narizinho): E sabe o que a Emília fez? (perguntar para criançada: quem sabe o que a Emília fez?)

Juliana (dona Benta): o quê?!!!!

Maristela (Narizinho): Desafiou o lobo!!! Disse tudo bem pertinho do focinho dele!!

Marilete (Emília): Eu disse pro lobo "SEU CARA DE CORUJA SUJA" experimenta ir lá no Sítio comer a dona Benta pra ver o que te acontece...

Maristela (Narizinho): É vovó, eu, o Pedrinho, e o Visconde, assim que vimos o lobo, saímos correndo e subimos numa árvore bem alta e a Emília ficou lá gritando pro lobo.

Juliana (dona Benta): Emília, como você fez isso? Sua maluquinha!!

Marilete (Emília): Pois ele que venha! Isso é que eu quero, provoquei ele de propósito e botei o rinoceronte de guarda na porteira aqui do Sítio

Juliana (dona Benta): Que história é essa de avó de menina?

Marilete (Emília): Esse lobo só se alimenta de avós de meninas, você lembra dessa história, vovó? (perguntar para as crianças se alguém lembra)

Juliana (dona Benta): Eu também lembro mas... Isso é bobagem, o lobo que comeu a avó da capinha vermelha, foi morto a machadadas pelo lenhador da floresta

Maristela (Narizinho): mas vovó, o lenhador não matou bem matado e o lobo viveu outra vez.

Janice (Visconde): Querem saber? Esse lobo é de verdade mesmo!

Janice (Capinha): O lobo! O lobo! Ele está vindo aai,,, (perguntar para as crianças se eles estão vendo o lobo)

Janice (Visconde): Não vejo lobo nenhum. Esperem... estou vendo sim, lá longe uma coisa, mas está muito loooooonge.

Marilete (Emília): O Visconde é um tanso!! Não sabe ver lobo! Sai daí seu bobo, deixa eu ver. É o lobo mesmo, com dois olhos arregalados, uma boca grande e vem babando de fome... até eu já estou com medo...

Janice (Capinha): chamem o homem do machado!! Rápido! Rápido!! Estou desmaiaando.

Maristela (Narizinho): Vai Pedrinho, vá chamar o homem. Eu estou vendo, ele passou a porteira, está no terreno, está vindo... estou com medo!

Marilete (Emília): Vovó, a senhora que é tão sabida, que lê livros e dicionários, salva a gente, salva!!! Ah! Mas eu já sei como espantar esse lobo...

Maristela (Narizinho): Então diga logo Emília!!!

Marilete (Emilia): Só direi se me der uma coisa... é que eu... estou montando uma biblioteca...

Maristela (Narizinho): já sei! Quer que eu dê a minha coleção de contos infantis, pra botar na sua biblioteca, tudo bem, é sua!

Marilete (Emilia): nesse caso, direi ao meu rinoceronte, que já está avisado de tudo, quando eu assobiar, ele vai pular sobre o lobo.

Juliana (dona Benta): Pois dê esse assobio logo Emilia!

Marilete (Emilia): Mas esperem, pra eu assobiar bem alto, o Pedrinho tem que me dar o livro de parlendas dele...

Maristela (Pedrinho): Dou sim! Mas agora assobia sua chata!

Marilete (Emilia): (pedir para todos ajudarem assobiar)

Narrador (Raquel) Emilia assobiou... assobiou e o rinoceronte que estava dormindo, acordou... correu atrás do lobo e deu um golpe, pulando pra cima do lobo, depois deu uma chifrada bem na barriga dele.

Juliana (Dona Benta): Mas Capinha Vermelha

Schirlei (Capinha Vermelha): O que dona Benta?

Juliana (dona Benta): Como foi que o lobo comeu sua vovozinha?

Janice (Capinha) (falar choramingando), É que eu espiei pela janela e não vi o lobo lá por perto então fui até a floresta colher umas flores pra colocar no vaso lá da sala, mas me afastei muito... e quando voltei... minha avó... (chorar)

Maristela (Pedrinho): Não se preocupe que o rinoceronte já se encarregou de dar um jeito no lobo. Mas voltando ao assunto sobre a biblioteca... toma Emilia o que te prometi.

Maristela (Narizinho): E eu também, pega aqui os livros.

Marilete (Emilia): Alguém tem algum livro prá doar? Que bom, isso tudo vai pra minha biblioteca e quem tiver mais livros que me dêm. E depois de pronta chamarei todos vocês para a inauguração da "Biblioteca da Emilia", lá no Sítio do Picapau Amarelo. Vocês irão né?!

Narrador: (Raquel) E assim a Emilia começou a organizar os livros que ia ganhando das pessoas, e o lobo mau acabou morrendo com a ajuda do rinoceronte e de todos do Sítio do Picapau Amarelo...

Marilete (Emilia): Pedir que todos gritem: Viva as bibliotecas, os livros e a leitura!! Viva!!